

H O R I Z O N T E

XXV SEMANA CULTURAL
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
1 - 15 MARÇO 2023

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

MECENAS



APOIOS



CASA MUSEU NUNO BARRETO



www.uc.pt/semanacultural

©NMar_UC - Henrique Patrício | 2023

RUA LARGA REVISTA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

H O R I Z O N T E

57 • 2023

H O R I Z O N T E

RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 57 • 2023

RUA LARGA

H O R I Z O N T E

PROPRIEDADE
Universidade de Coimbra

DIRETOR
Amílcar Falcão

DIRETOR-ADJUNTO
Delfim Leão

EDITORA
Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

DIREÇÃO ARTÍSTICA
Henrique Patrício

FOTOGRAFIA
João Armando Ribeiro

INFOGRAFIA
Henrique Patrício
Sara Baptista
Francisco Elias

PRODUÇÃO
Teresa Baptista

EDIÇÃO
Imprensa da Universidade de Coimbra
Rua da Ilha, 1
3000-214 COIMBRA • PORTUGAL
Telef./Fax.: 239 247 170
Email: imprensauc@uc.pt

IMPRESSÃO

TIRAGEM
1400 ex.

ISSN
1 6 4 5 – 7 6 5 x • Anotado no ICS

CAPA
Ponte sobre o rio Paiva,
Filipe Bandeira, ITECONS.
Foto: João Armando Ribeiro.

www.uc.pt/rualarga
rualarga@uc.pt • Tel. 239 859 823

PONTOS DE VENDA
Loja UC
Livraria Virtual: <http://tinyurl.com/potg4o7>

EDITORIAL

XXV Semana Cultural da UC:
«Horizonte» – P.06
Amílcar Falcão

REITORIA EM MOVIMENTO

Otimismo à Vista – P.10
Luís Neves

Cultura, Arte, Ciência e Património
no Horizonte de Ação – P.12
Delfim Leão

As Escolas Doutorais da
Universidade de Coimbra:
Novo Horizonte na Educação
Doutoral – P.14
Cláudia Cavadas

Busca do Horizonte
Perdido... – P.16
Cristina Albuquerque

Horizontes – P.18
António Figueiredo

Relações Externas e *Alumni* da
UC: Breves Notas – P.20
João Nuno Calvão

O Horror ao Horizonte – P.22
José Pedro Figueiredo

Desenvolvimento Sustentável
— um Contínuo Horizonte de
Desafios – P.24
Patrícia Pereira da Silva

OFICINA DOS SABERES

RETROVISOR

Inéditos do Jardim Botânico da
Universidade de Coimbra: Olhar
para Trás para Ver de Novo – P.28
Ana Margarida Dias da Silva
Maria Teresa Gonçalves

Modelações 3D de Projetos
e Edifícios da Reforma Pombalina
da Universidade – P.35
Rui Lobo e Carlos Moura Martins

RIBALTA

UC/Anozero na Sharjah
International Book Fair – P.45
Désirée Pedro

Os Portugueses no Golfo (1507-1650):
uma História Interligada – P.46
José Pedro Paiva

Agustina Bessa-Luís, Viva! – P.48
Maria Helena Santana

Centenário do Nascimento de
Eduardo Lourenço: o Centro de
Estudos Ibéricos e a Celebração
de uma Vida Partilhada – P.51
Alexandra Isidro

CIÊNCIA REFLETIDA

The Importance of the World
Cultural Council – P.56
Sir Fraser Stoddart

Designing Hopeful Futures – P.59
J. Meejin Yoon

A Pressão de Seleção da Resposta
Imunitária Individual: um dos
Ensinamentos da Pandemia
COVID-19 – P.60
Helena Oliveira Sá
Manuel Amaro Santos Rosa

ÁGORA

Arquitetura na UC:
que Horizonte? – P.65
Luís Miguel Correia

No Horizonte do
Colégio das Artes – P.70
António Olaio

PATRIMÓNIOS

10@UC.ALTAeSOFIA – P.75
Luísa Trindade
Alfredo Dias
Delfim Leão

AO LARGO

CRÓNICA

Plantas e Animais na Literatura,
no Cinema e nas Artes da
Amazónia – P.82
Patrícia Vieira

CRIAÇÃO LITERÁRIA

Nuvens Roxas – P.89
Carina Fonseca

LUGAR DOS LIVROS

Prémio Joaquim de Carvalho – P.93
Imprensa da UC

A UC no programa
ASAS de Leitura – P.95

Livros em Destaque – P.96





E D I T O R I A L

XXV SEMANA CULTURAL DA UC: «HORIZONTE»

AMÍLCAR FALCÃO *

No rescaldo de uma pandemia e com um cenário de guerra instalado no centro da Europa, atravessamos tempos conturbados. Convocar o «Horizonte» para a xxv Semana Cultural da Universidade de Coimbra (1-15 de março de 2023) parece, assim, fazer todo o sentido.

Num momento em que a pandemia dominava as nossas vidas, a xxiii Semana Cultural da Universidade de Coimbra (1-15 de março de 2021) teve como mote a «Humanidade». Foi um período temporal marcado pela angústia e incerteza perante o desconhecido. Em boa hora foi escolhido esse mote e em boa hora a Universidade de Coimbra (UC) soube resistir à adversidade, tendo sido seguramente uma das entidades nacionais que mais eventos culturais estimulou. A UC entregou-se à cultura num gesto profundamente humanista. Sentiu-se, também, a forma como o público ansiava por cultura, por libertação e por atividades que lhe alimentassem a alma, minorando o sofrimento por que todos tivemos de passar. Se em 2021 optámos por destacar a «Humanidade», na xxiv Semana Cultural da UC (1-15 de março de 2022), o nosso mote foi o «Tempo». O «Tempo» associa-se ao segundo, ao minuto, à hora, ao dia, à semana, ao mês, ao ano e, definitivamente, à nossa existência enquanto seres humanos. A nossa existência está indelevelmente associada ao «Tempo». Os momentos marcantes da nossa vida estão igualmente associados ao «Tempo». As decisões que tomamos dependem sempre do «Tempo». Uma vez mais, a Semana Cultural foi um momento agregador de vontades e conseguiu superar, ainda, aquilo que já tinha sido o sucesso da edição anterior.

Infelizmente, a xxiv Semana Cultural coincidiu praticamente com o início do conflito armado em território ucraniano. O «Tempo» novamente a fazer das suas...

Perante tão indesejáveis cenários (pandemia e guerra), resta-nos continuar a resistir e acreditar no futuro. Um futuro que estará algures no «Horizonte».

O «Horizonte» é, em si mesmo, um conceito adimensional. Cada um de nós terá a sua noção de «Horizonte». Cada um de nós tem um «Horizonte» diferente, consoante as circunstâncias. Cada um de nós tem um «Horizonte» para o seu «Horizonte».

Se em 2022, a UC celebrou inúmeras efemérides, com destaque para os 250 anos da Reforma Pombalina do ensino superior em Portugal, os 200 anos da proclamação da Independência do Brasil e os 20 anos da

Independência de Timor, em 2023, importa celebrar a primeira década decorrida sobre a inscrição da Universidade de Coimbra: Alta e Sofia na lista de Património Mundial da Humanidade da UNESCO.

A celebração dos dez anos da classificação da UNESCO deve constituir-se como ponto focal para o usufruto de um património único à escala global. Um património tangível (edificado) e um património intangível (a língua portuguesa espalhada pelo mundo) absolutamente notáveis.

A xxv Semana Cultural não pode passar ao lado desta efeméride, e o «Horizonte», prestando-se a múltiplas leituras, deverá estar presente num momento tão único da nossa instituição. É por isso de esperar um ano culturalmente muito rico, onde a comunhão da Universidade com a Cidade nos abra outros «Horizontes». Coimbra precisa, a região precisa, o país precisa, e a UC nunca deixará de corresponder a esses anseios.

É com esperança que encaro o futuro, mas com o otimismo de alguém bem informado. Coimbra não pode continuar a pensar que «merece» mais do que aquilo que tem. Coimbra tem o que sabe merecer e deve ter noção daquilo que «precisa». Coloque-se uma linha no «Horizonte», mas sem dar um passo maior do que a perna. E não tentemos lá chegar sozinhos. Esse tempo já não existe e é necessário que tenhamos a humildade (e a clarividência) para o perceber.

Coimbra precisa de união como de pão para a boca. Sempre que se olha para o lado, aparecem logo as fações. É uma atitude autofágica que não nos leva a lado nenhum. Não temos de pensar todos da mesma maneira (nem tal opção seria saudável), mas devemos convergir na ação. Coletivamente, seremos sempre mais fortes e não é com agendas pessoais desgarradas que se vai a lado algum. Todos somos importantes e ninguém isolado é importante.

Saibamos traçar um «Horizonte» comum, como muito bem o poderá ser a criação de uma Região Metropolitana de Coimbra. Lancei em tempos a ideia da criação de uma «Coimbra Bauhaus». Não o fiz por impulso. Não o fiz por soberba. Não o fiz por acaso. É um «Horizonte» possível, mobilizador, agregador e diferenciador.

Espero, por isso, que a xxv Semana Cultural da UC nos possa unir a todos em torno de um «Horizonte» de que os vindouros se possam orgulhar.

* Reitor da Universidade de Coimbra

RL #57

REITORIA

EM

MOVIMENTO

09

OTIMISMO À VISTA

Os últimos anos foram marcados por eventos inesperados, bem como pela necessidade de impulsionar mudanças aceleradas em ambiente de elevada incerteza. Tempos exigentes, onde o erro, tanto quanto o imobilismo, podiam conduzir a atrasos difíceis de recuperar num ambiente altamente competitivo. É muito cedo para um balanço, pois a incerteza permanece elevada. De facto, não é ainda possível assumir de forma definitiva que a pandemia SARS-CoV-2 se encontra ultrapassada e, após dez meses de guerra na Europa, não se afigura uma solução que reponha normalidade numa sociedade global, onde os problemas deixaram, com naturalidade, de ser locais ou regionais. Como se não bastasse a dimensão dos desafios globais de sustentabilidade que a humanidade já enfrentava, acrescentaram-se outros totalmente desnecessários, como uma guerra injustificada, causadora de grande sofrimento e com impacto económico e social que se estende a todos os continentes.

Enquanto aguardamos o regresso pleno da normalidade, a Universidade de Coimbra (UC) fez o seu caminho neste contexto de incerteza, dignificando a sua longa história, onde já se cruzou bastas vezes com a adversidade. Mais uma vez, os desafios foram ultrapassados com uma assinalável resiliência coletiva. Não fomos apenas capazes de nos adaptar rapidamente às condições atípicas do exercício de funções em ambiente de confinamento, como o fizemos mantendo os elevados padrões de qualidade que caracterizam a UC. Com apoio numa rápida transformação digital, que incluiu o desenvolvimento de plataformas próprias, foi possível ultrapassar os enormes desafios colocados ao ensino e à investigação, bem como aos serviços de suporte administrativo, tendo sido criadas as condições para que a instituição saísse reforçada desta crise. Afinal, os indicadores disponíveis mostram não apenas um crescimento do número de estudantes nos últimos anos, como também um assinalável crescimento das atividades de investigação e transferência de conhecimento, que vêm registando sucessivos máximos históricos. Em 2022, a execução de projetos e atividades deverá ter crescido mais de 50% em relação ao anterior máximo, registado em 2021. Por tudo o que foi referido, está de parabéns a nossa comunidade, que tem mostrado não apenas uma extraordinária resiliência, mas também uma singular capacidade de se readaptar e reinventar!

Numa outra vertente, que carece de especial vigilância, as contas estruturais da Universidade têm estado sobre grande pressão, fruto da redução de receita de vários milhões de euros que ocorreu no âmbito da ação social

e do turismo, bem como do aumento da despesa com medidas de proteção da saúde. Também nesta vertente, fruto de uma gestão cuidada e do empenho das UOs e UECAFs, foi possível preservar o equilíbrio dos orçamentos estruturais e de desenvolvimento que regulam o funcionamento basal da nossa instituição, sem que se tenham verificado dificuldades especiais de funcionamento. Este bom desempenho global cria as condições para enfrentarmos com sucesso um ano de 2023 particularmente exigente no domínio orçamental: prevê-se um crescimento muito assinalável da despesa estrutural, fruto dos aumentos salariais, do encerramento dos ciclos de avaliação dos docentes e do pessoal técnico (ambos com reflexo remuneratório em 1 de janeiro de 2023), bem como pelo acréscimo do custo da energia, que deverá triplicar. Não obstante, estão criadas as condições para que sejam mantidas as políticas de valorização das pessoas seguidas nos últimos anos, tanto com a abertura de mais concursos de promoção na carreira docente e de investigação (superando a meta de 50% de professores catedráticos e associados, e de investigadores coordenadores e principais de carreira), como pela aplicação do mecanismo de mobilidade intercarreiras e intercategorias ao pessoal técnico. Não pode ser também esquecida a necessária renovação decorrente das reformas que têm vindo a verificar-se, renovação esta onde é necessário sermos muito criteriosos para garantir o futuro da instituição por via de recrutamentos de grande qualidade. A redução de vínculos temporários deverá ser igualmente uma prioridade institucional, prosseguindo o caminho trilhado; no domínio da investigação, contudo, tal apenas será viável caso o financiamento das instituições de ensino superior seja profundamente alterado, deixando de ter apenas como referência o número de estudantes de 1.º e 2.º Ciclo e abandonando o crónico subfinanciamento a que temos estado votados.

Com um vasto programa de requalificação do património edificado em curso, incluindo o emblemático Paço das Escolas e diversos espaços afetos às Faculdades, a requalificação e construção de novas residências, a construção de um novo edifício de investigação (UC Biomed), um Edifício Digital em desenvolvimento pensado para responder às necessidades de uma universidade global, e, por último, mas não menos importante, uma comunidade académica resiliente e inovadora, temos certamente motivos para detetar sinais de otimismo no horizonte!

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra para as Finanças e os Recursos Humanos

CULTURA, ARTE, CIÊNCIA E PATRIMÓNIO NO HORIZONTE DE AÇÃO

No ano de 2023, celebra-se a primeira década decorrida sobre a inscrição, pela UNESCO, da Universidade de Coimbra: Alta e Sofia na lista de Património Mundial da Humanidade. A opção de eleger o Horizonte como tema da xxv Semana Cultural sublinha, precisamente, essa determinação de colocar o diálogo entre Cultura, Arte, Ciência e Património no centro da criação estético-performativa, da capacitação e formação de públicos, do estímulo à confluência de saberes e à investigação genuinamente interdisciplinar. Enquanto conceito portador de múltiplos sentidos, o Horizonte tanto marca a definição de uma linha programática clara e a sua ponderação crítica, como transporta, em si mesmo, o ímpeto criador que alimenta o olhar pioneiro de quem sonha e desbrava novas linhas de atuação e novos Aléns. O Horizonte convoca, assim, a mundividência ampla de Jano bifronte — esse deus pagão romano, de olhar largo e transversal, virado para diante e para trás, tão capaz de perscrutar em profundidade os caminhos já percorridos, como de nutrir generosamente as sendas da imaginação inventiva que desenha o futuro. É por isso que o seu nome está na raiz da designação do mês que abre o ano (*Ianuaris*), servindo assim de «porta de entrada» (*ianua*) a um novo ciclo que se inicia, estimulando novos projetos e instilando renovada energia.

Refletir sobre a permeabilidade entre áreas de conhecimento e sobre a harmonização de saberes deve implicar, em qualquer instituição de Ensino Superior, ponderar a importância que a Arte e a Cultura detêm no equilíbrio e saúde global da comunidade. Num organismo vivo como a Universidade de Coimbra (UC), ponderar este tema implica ir mais longe e abordar aspetos essenciais da sua missão, como sejam o papel da Cultura na formação integral do indivíduo, no diálogo empenhado com a sociedade, e na definição dos pilares de atuação que estimulam a investigação e a inovação constante.

A reflexão inerente à definição de um tal Horizonte de ação convoca, ainda e necessariamente, os mecanismos

que podem ser desenvolvidos para garantir que qualquer estudante, seja qual for a sua área nuclear de formação e da futura atividade profissional, possa integrar no seu percurso curricular créditos que sejam completados pela frequência de cadeiras ligadas à sensibilização artística e cultural, num plano formativo desenvolvido em articulação estreita com agentes e produtores culturais. Este diálogo disciplinar tem, por certo, inegáveis potencialidades para formar profissionais mais completos, sem colocar em causa, em nenhum momento, a indispensável especialização. Sendo o diagnóstico desta necessidade um tópico recorrente em debates académicos que envolvem algum tipo de colaboração interdisciplinar, há maturação mais do que suficiente para o levar à prática, numa oferta curricular mais rica e diferenciadora.

Num plano mais lato e num momento em que se discute a implementação do conceito de «Coimbra Bauhaus» ou de uma Área Metropolitana de Coimbra, está igualmente criado o contexto apropriado para se reponderar o papel que as Artes e a Cultura devem ter, não apenas na estrutura orgânica do futuro da instituição UC, mas também no contributo para uma região mais sustentável, capaz de harmonizar a imprescindível competitividade com o tão fundamental bem-estar das populações. A recente inauguração do *campus* na Figueira da Foz alarga, de maneira determinante, a influência da UC no território e cria mais um pilar para que a instituição dê um contributo robusto, coerente e programático para a aplicação prática dos três valores fundamentais do Novo Bauhaus Europeu: sustentabilidade, estética e inclusão. Ou por outras palavras: o contexto é altamente favorável a que Cultura, Arte, Ciência e Património confluem de forma harmoniosa no desenho e na implementação determinada de um Horizonte de ação capaz de envolver a região na centralidade que essa motivação conjunta irá gerar, nutrir e capitalizar.

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra para a Cultura e Ciência Aberta

AS ESCOLAS DOUTORAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA: NOVO HORIZONTE NA EDUCAÇÃO DOUTORAL

A Universidade de Coimbra (UC) tem longa experiência e oferta educativa diversificada de programas de doutoramentos (cursos de 3.º Ciclo ou educação doutoral), contando com cerca de 70 programas de doutoramento em diversas áreas disciplinares e científicas, distribuídos por dez unidades orgânicas e em ligação ou articulação com as 38 Unidades de Investigação e Desenvolvimento. De salientar que estes cursos de 3.º Ciclo na UC são frequentados por mais de 3000 pessoas, com faixas etárias alargadas (24 até aos 80 anos), cerca de 55 % provenientes de perto de 70 países de todo o mundo. Esta vasta e diversa comunidade

de estudantes de doutoramento, com os/as seus orientadores/as, têm um papel crucial para a missão, sucesso e impacto das universidades, quer por serem o motor da investigação e produção de novo conhecimento nas diversas áreas científicas, quer por trazerem novas perspetivas e culturas, desempenhando um papel significativo para o desenvolvimento de colaboração multidisciplinar, interinstitucional e internacional. Os diversos programas doutorais (cursos de 3.º Ciclo) desenvolvem com profundidade a investigação científica, capacitando a comunidade de estudantes para a investigação e a academia. Além disso, se se partir de

uma análise atenta aos descritores de Dublin e à legislação nacional, comunicação, espírito crítico e inovação são competências que um/a doutorado/a deve desenvolver e demonstrar. No entanto, os programas de doutoramento não dedicam tempo, de forma intencional ou formal, ao desenvolvimento pessoal ou ao desenvolvimento de competências transversais (e profissionais). Sabe-se que alguns/algumas estudantes procuram esta formação fora do curso/universidade, mas muitos ou não estão conscientes dessa necessidade ou não sabem traduzir o que aprenderam ao longo do doutoramento para competências concretas noutros contextos fora da academia. Além disso, diversos autores e relatórios têm alertado para o desfasamento entre os currículos do 3.º Ciclo e as exigências do mercado de trabalho, isto é, entre as competências promovidas pela academia/programas doutorais e as solicitadas pelos contextos de trabalho. Assim, os modelos tradicionais vigentes dos cursos de doutoramento, isolados, podem comprometer a transição da comunidade de estudantes de doutoramento para a carreira científica internacional ou para fora da academia. Por outro lado, já é bem conhecido que a supervisão (orientação) é um aspeto central para o percurso e sucesso dos/as estudantes de doutoramento, de forma a que se tornem os/as futuros líderes, na academia e fora dela. Mas é necessário promover a consciencialização da complexidade e relevância da tarefa de orientação, bem como uma cultura institucional de valorização da supervisão produtiva. A UC, estando atenta e consciente dos desafios internos e externos da educação doutoral, iniciou, no ano letivo de 2021-2022, a criação de cinco Escolas Doutorais (EDs)¹, alinhadas com as cinco Áreas Estratégicas de Investigação da UC² como estabelecido no Plano Estratégico da UC 2019-2023³. Este alinhamento tem como objetivo reforçar a aproximação da investigação e o ensino de 3.º Ciclo, promovendo ainda um aumento da eficiência na formação transversal relevante da comunidade de estudantes de doutoramento.

A constituição das Escolas Doutorais da UC foi um processo participativo e de cocriação, tendo sido envolvidas diversas pessoas da Universidade e de redes internacionais de universidades das quais a UC

faz parte, como por exemplo o European University Association Council for Doctoral Education (EUA-CDE)⁴ e o Coimbra Group (Working Group Doctoral Studies)⁵. As Escolas Doutorais da UC têm sido dinamizadas e executadas pelo Instituto de Investigação Interdisciplinar da UC (IIIUC), que tem por missão a promoção do cruzamento fértil entre as diferentes áreas do saber. O IIIUC tem sido, também, o local de dinamização das Áreas Estratégicas da UC, constituindo, portanto, um palco privilegiado para sedimentar o crescimento das boas práticas de educação doutoral e de investigação interdisciplinar. Desde o início da sua implementação, as EDs da UC têm desenvolvido diversas atividades e sessões para reforçar e promover o desenvolvimento de competências científicas e transversais que são críticas para o percurso doutoral e pós-doutoral de sucesso da comunidade de estudantes de doutoramento. No âmbito das atividades das EDs, já foram disponibilizados perto de 50 seminários dedicados às competências científicas ou transversais, para os quais se inscreveram cerca de 700 estudantes de doutoramento. Têm também sido desenvolvidas iniciativas para potenciar a integração dos programas de doutoramento da UC, bem como de estudantes e docentes/orientadores/as em redes científicas e de cooperação internacionais. Além disso, foram organizadas iniciativas de partilha de boas práticas de orientação doutoral entre a comunidade de orientadores/as, que poderão diminuir o abandono do percurso doutoral e contribuir para o sucesso profissional e pessoal após a conclusão dessa etapa.

Apesar de ainda ser uma iniciativa institucional recente e que necessita de sedimentação, as EDs da UC já constituem um formato inovador com elevado potencial para contribuir para que a nossa Universidade seja uma referência nacional e internacional na educação doutoral. Estamos perante um novo horizonte.

* Vice-reitora da Universidade de Coimbra para a Investigação e 3.º Ciclo

«Polytipe de Cluny» (1972-74) de Iannis Xenakis, Fundação Calouste Gulbenkian, 2022

1 Escolas Doutorais da Universidade de Coimbra (www.uc.pt/research/escolas-doutorais)

2 Áreas Estratégicas de Investigação da Universidade de Coimbra (www.uc.pt/iii/aeuc)

3 Plano Estratégico da Universidade de Coimbra 2019-2023 (www.uc.pt/planeamento/PEUC20192023_versaopublica.pdf)

4 European University Association Council for Doctoral Education (EUA-CDE) (<https://eua-cde.org>)

5 Coimbra Group (www.coimbra-group.eu/working-group/doctoral-studies)

EM BUSCA DO HORIZONTE PERDIDO...

O horizonte tanto se constitui como ponto de referência de um lugar ao qual se pretende chegar, como estímulo para a caminhada, um pensamento e uma ação que não ficam aprisionados no presente, mas que se projetam num espaço de memória e de futuro desejado, multiplicador de horizontes sucessivos.

Tal como na obra de Proust, que inspira o título deste pequeno contributo, o percurso das memórias e da obra feita é sempre como um ciclo, como uma caminhada incompleta, como fragmentos de transformação que voltam simultaneamente iguais e diferentes, como um edifício em contínua construção e, como tal, incompleto e sempre em busca de novos sentidos e de uma nova forma de ser e de estar.

O horizonte «perdido» é, ao mesmo tempo, o da concretização e da superação de inúmeros propósitos que serviram de bússola ao mandato prestes a terminar, e o da consciência daqueles que continuam a persistir e a necessitar de ações incisivas, contínuas e coletivamente assumidas. Dos muitos possíveis, destaco dois marcos no horizonte dos últimos quatro anos.

Os dois anos de pandemia, sem dúvida o acontecimento que mais se evidencia num esforço de memória que os balanços sempre comportam, permitiram não só introduzir mudanças necessárias para um caminho de inovação académica e pedagógica cada vez mais premente, como também, comprovar inequivocamente a capacidade de adaptação e superação de constrangimentos que a Universidade de Coimbra (UC), nas pessoas que lhe dão corpo, tem demonstrado ao longo da sua história secular.

As adaptações necessárias na área académica, quer nos modos de lecionação, quer nos procedimentos, prazos e orientações excecionais, beneficiaram, sem dúvida, de um conjunto de transformações que há muito vinham a ser desenvolvidas neste âmbito, sobretudo no que diz respeito à digitalização de documentos e procedimentos. Porém, a experiência pandémica acelerou tais processos e criou a oportunidade para a consciencialização do que é necessário transformar no modo como se ensina, no que se ensina e no que se aprende. Não para anular os princípios e valores — de rigor, de cultura e de profundidade não submetidas a conjunturas — que devem pautar o ensino universitário, mas, pelo contrário, para os preservar e consolidar num mundo que rapidamente se transforma e que tende a instituir o *aqui* e *agora* como a referência temporal única. A conspiração do futuro, que a ciência estimula e pressupõe, obriga hoje a um olhar diferente sobre os contextos, as condições, as interações, os interlocutores e as expectativas. A forma de «desenhar esse olhar» e de o concretizar e comunicar terá, cada vez mais, impactos evidentes na atratividade de estudantes, sobretudo dos melhores, mas também de bons professores

(numa fase de renovação do corpo docente a muito breve prazo) e de investigadores capazes de fazer da UC uma referência, pelo conhecimento que produz e pelo respetivo impacto no contexto social e económico. O paradigma de ensino-aprendizagem tem, pois, de ser refletido despididamente, acedendo às metamorfoses necessárias. Tendo este propósito como horizonte, procurou-se desenvolver: os meios tecnológicos — ferramentas digitais próprias, salas tecnologicamente equipadas, assinatura digital de documentos, entre outros —, os meios operacionais e regulamentares (com a revisão de inúmeras normas académicas), e os meios substantivos — um novo paradigma de atendimento e de promoção de projetos com e para estudantes, no *Student Hub*, a formação em metodologias ativas e pedagogia no ensino superior para docentes, a criação de unidades curriculares transversais, a aprovação de novos ciclos de estudos mais inovadores, os projetos de voluntariado e implicação cívica, entre outros.

O caminho ainda a realizar, no horizonte que se vislumbra, relaciona-se com a reflexão sobre a oferta formativa. Não apenas no que concerne aos ciclos de estudos a oferecer e sob que critérios, mas também aos objetivos de adequação às características dos destinatários. Tal obrigará, pois, a uma reflexão profunda e participada sobre os diversos horizontes que tendem a marcar o mundo atual e o ensino superior, nacional e internacionalmente. Uma análise consciente, não apenas do que somos, mas também dos contextos nos quais nos enquadrámos e que muitos outros povoam, é essencial para a construção continuada do «horizonte perdido» e do que a UC quer e pode ser.

O segundo elemento estrutural que marcou a área académica e de atratividade, abrindo horizontes de futuro, foi a aprovação do projeto apoiado pelo PRR — Impulso Jovens STEAM e Incentivo adultos — *Living the Future Academy*, que a UC lidera. A atração de novos públicos (nomeadamente adultos e jovens pré-universitários), a promoção de formações e iniciativas de ligação com organizações empresariais e outras, o incentivo à inovação pedagógica e a presença ativa da UC em diversos territórios de toda a Região Centro, e não só, cria condições para processos de afirmação, de (co)aprendizagem e de disseminação de saber, mas também para a efetivação do que a UC tem de mais fundamental: a sua capacidade de se readaptar continuamente e de «ler», de forma sábia e responsável, o que é preciso transformar para preservar e o que é preciso criar para renovar.

* Vice-reitora da Universidade de Coimbra para os Assuntos Académicos e a Atratividade de Estudantes Pré-Graduados

HORIZONTES

A missão das instituições de ensino superior está sempre muito marcada pela sua atuação na construção da sociedade, quer através da instrução dos seus estudantes, quer através do incremento do conhecimento em resultado da investigação que desenvolve. Assim, não é de estranhar que a Universidade de Coimbra (UC) tenha optado por «Horizonte» como tema central da XXV edição da sua Semana Cultural, simbolizando o papel de que a UC não prescinde na busca da perspetiva do futuro, de forma a enquadrar a sua atividade no presente.

Falando de «presente», e estando no desenlace do mandato reitoral, justifica-se — impõe-se, até — uma nota sumária das principais realizações das áreas que tive a honra de tutelar.

Qualquer organização tem a necessidade extrema de elevar os seus índices de produtividade, sendo que isso é conseguido, em grande escala, por aumentos de eficiência. Nessa perspetiva, a construção de mecanismos de atuação respeitantes dos princípios impostos pela «Qualidade» constitui-se como um elemento principal de boa governação. A nossa UC tem desenvolvido

um excelente trabalho neste contexto, destacando-se, entre outras ações: a renovação da certificação do sistema interno de garantia da qualidade da UC, pela A3ES, com todas as áreas de análise com uma classificação igual ou superior a «substancial» (a terceira mais elevada numa escala de quatro), atingindo várias delas a classificação máxima — ou seja, «muito avançado» —, o que evidencia a maturidade do sistema interno de garantia da qualidade da UC; o alargamento da certificação pela ISO 9001:2015 a mais áreas/processos da UC; e as diversas formações realizadas junto da comunidade UC, com particular ênfase para os novos colaboradores. Mesmo no exercício de um quadriénio 2019-2023 com as particularidades que todos conhecemos (e vivenciámos), o Plano da Qualidade da UC apresenta um grau de execução muito próximo da sua concretização plena.

No presente Plano Estratégico da UC, o desporto assumiu um elevado protagonismo na promoção do bem-estar físico e mental de toda a nossa comunidade. Os vários programas que o Desporto UC coloca à disposição de todos (estudantes e corpos docente e técnico) têm-se constituído como importantes elementos de agregação e indução de um estilo de vida ativo e saudável. Este significativo reforço da atividade física e desportiva para a comunidade académica viu aumentado, em cerca de três vezes, o número de participantes e atividades. Paralelamente, desenvolveram-se projetos e programas em áreas de reconhecido interesse, nomeadamente o Programa *Healthy Campus*, da Federação Internacional de Desporto Universitário (FISU), na promoção de estilos de vida saudável e ativa, alinhados com a definição de Saúde da Organização Mundial de Saúde, sendo reconhecida a UC com o nível máximo (Platina); o *UC Sport Talks*, Ciclo de Conferências com o Desporto em perspetiva; o Projeto 3Cs, financiado pela União Europeia, no âmbito da Mobilidade Sustentável e Ativa; a atribuição da Bandeira da Ética Desportiva ao Estádio Universitário; e a atribuição à UC (por via da Associação Académica de Coimbra) da organização do Campeonato Europeu Universitário de Ténis e de Padel, em 2025.

A missão dos Serviços de Ação Social da UC, neste mandato, ficará, como publicamente reconhecida, associada à forma exemplar como, em diferentes contextos, esteve sempre na linha da frente, ao serviço de toda a comunidade da UC. Para muitos dos colaboradores dos SASUC não existiu confinamento ou teletrabalho, mantendo, no contexto muito adverso imposto pela pandemia, e sob apertados planos de contingência criados para as áreas alimentar, alojamento,

creche e jardim de infância, todas estas valências em funcionamento. Foram, ainda neste âmbito, disponibilizados um conjunto de apoios excecionais, como o Fundo de Apoio Social — Apoio de Contingência ou o Apoio Social Pontual Santander UC; desenvolveu-se a linha de apoio emocional UCare; foi reforçada a promoção da saúde mental; e mantiveram-se, a distância, as consultas de clínica geral, psiquiatria do Jovem Universitário, planeamento familiar e psicologia.

No que diz respeito ao edificado, e em estreita articulação com o Serviço de Gestão das Instalações e Património da UC, foram realizadas mais de uma centena de projetos e intervenções, das quais se destacam a requalificação/reformulação das Cantinas Amarelas, a requalificação da Residência Observatório, a Requalificação dos Blocos A e B da Residência João Jacinto e a aquisição do edifício da creche. No âmbito do Programa de Alojamento Estudantil a Custos Acessíveis (PRR), foram já contratualizadas a requalificação das Residências da Alegria e Combatentes e a construção de duas novas, Camões e Monumentais. Perseguindo a missão da UC no que concerne à modernização e desmaterialização, desenvolveu-se a app SASUC GO! que, de forma muito intuitiva, permitiu a pré-aquisição das refeições sociais com a acesso a linhas alimentares totalmente automatizadas, eliminando a existência de caixas, o uso de numerário e a redução dos tempos de espera nas unidades alimentares. Sinaliza-se ainda a estreita cooperação com a Associação Académica de Coimbra, com reuniões periódicas que permitiram um pleno alinhamento na satisfação das necessidades da Comunidade Universitária, salientando-se o projeto «Refeição (de)Vida», o Protocolo «Re-food 4 good» e o projeto «Porta a Porta».

Uma nota final para o compromisso da UC para com o seu Plano para a Igualdade, Equidade e Diversidade (PIED@UC), demonstrando a sua firme convicção em derrubar barreiras e participar ativamente na construção de uma sociedade plena e justa.

No decorrer dos últimos quatro anos, a UC foi colocada perante desafios de elevadíssima dificuldade e soube sempre superá-los. Mais uma vez, faz-se alusão ao tema desta edição da *Rua Larga*, «Horizonte», já que foi sempre através desta perspetiva de olhar para o futuro que a UC honrou a memória da sua construção secular.

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra para a Qualidade, o Desporto e os Serviços de Ação Social (SASUC)

RELAÇÕES EXTERNIAS E ALUMNI DA UC: BREVES NOTAS

«Polytope de Cluny» (1972-74) de Iannis Xenakis, Fundação Calouste Gulbenkian, 2022

Vivemos momentos particularmente complexos enquanto Humanidade: a pandemia, a guerra na Ucrânia e o processo inflacionário em curso agravam as consequências de uma globalização desregulada e injusta, com muitos a serem deixados para trás.

No atual contexto geopolítico, a União Europeia tem de assumir um papel de liderança numa nova ordem mundial, mais humanista e mais solidária. Impõe-se, por isso, aos líderes da Europa travar o aprofundamento das desigualdades económico-sociais, conjugar com equilíbrio a urgência ambiental com as questões energéticas e compreender, com realismo, a imigração como solução para o inverno demográfico. Se estes desafios não forem superados, os populismos e extremismos grassarão e a democracia estará (cada vez mais) em risco.

2. Para cumprir a responsabilidade social que constitui a sua matriz axiológica, a Universidade tem de estar à altura dos hodiernos desafios da Humanidade. Deste modo, destacamos os seguintes desideratos da(s) universidade(s): garantir a igualdade de oportunidades, promovendo, com justiça, o elevador social que possibilita aos melhores chegarem (mais) alto, independentemente das origens económicas, sociais, étnicas ou outras; promover a sustentabilidade ambiental, fundada na ciência, mas sem radicalismos; e aprofundar o diálogo entre os povos e o espírito de inclusão, condições fundamentais para a paz.

3. A Universidade de Coimbra (UC) sempre foi, é e terá de ser cada vez mais uma referência mundial pelo cosmopolitismo, pela tolerância e pela dimensão integradora. Centremo-nos, pois, nos desafios (internacionais) da nossa UC.

Trata-se de uma universidade internacional com forte ligação ao mundo lusófono, a *Alma Mater* das Universidades de língua portuguesa. E este é, sem dúvida, na nossa opinião, o caminho do futuro.

Na verdade, atualmente, a língua portuguesa é a língua oficial (ou de trabalho) em mais de 30 organizações internacionais, o quinto idioma mais utilizado na Internet, e o quinto mais falado no mundo (mas, o primeiro no hemisfério sul). Se hoje somos cerca de 263 milhões a falar a língua de Camões, de acordo com estimativas da ONU, no fim deste século, seremos 500 milhões, devido, sobretudo, à evolução demográfica expectável em Angola e Moçambique. Estamos perante um ativo de relevância extrema: afetiva, económica e político-diplomática.

Pelo exposto, e não apenas em razão da História (*v.g.* a única universidade classificada pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade também pelo lado imaterial de valorização da língua portuguesa), devemos apostar na língua de Camões como uma mais-valia de afirmação da nossa Universidade no mundo, agora e nos próximos 733 anos.

Corolário recente da estratégia de valorização da língua portuguesa foi a eleição por unanimidade da UC para a presidência do Conselho de Administração da

Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) durante o triénio de 2021/2024. Fundada em 1986 — 10 anos antes da própria CPLP, da qual é Observador Consultivo —, a AULP é constituída por 140 instituições de ensino superior (universitário e politécnico) dos oito países de língua oficial portuguesa e da Região Administrativa Especial de Macau, e tem desenvolvido (desde 2019) um importante programa de intercâmbio de alunos e docentes entre cerca de 70 dos seus membros (um verdadeiro Erasmus Lusófono).

4. Numa perspetiva de médio/longo prazo, deve ser destacado o *campus* universitário europeu (EC2U). Não obstante os constrangimentos transversais ao projeto das alianças europeias no espaço do ensino superior do Velho Continente (*maxime* assimetrias no que diz respeito ao financiamento nacional e à falta de processo de acreditação pan-europeu), o Mestrado em Cidades Sustentáveis, coordenado pela UC, já está em funcionamento, e esta Universidade Europeia tem sido apontada pela Comissão Europeia como exemplar.

Reforçamos, assim, o nosso compromisso com o ideal europeu, num ano importante para a internacionalização da UC relativamente à mobilidade académica (em termos latos, os programas Erasmus), com números inéditos tanto de estudantes que nos procuram para cumprir períodos determinados das suas vidas académicas (*incoming*) como de estudantes nossos que enriquecem o seu percurso escolar noutras instituições por essa Europa (e mundo) fora durante algum tempo (*outgoing*).

5. Além das prioridades lusófona e europeia, não podemos, obviamente, descurar outras paragens mundiais, como o mundo falante de espanhol, pela proximidade linguística, e países com potencial cultural, geoestratégico e económico, como a Índia ou a China. No quadro das relações sino-lusófonas, destaca-se a vibrante atividade da Academia Sino-Lusófona, com ações muito relevantes para a consolidação do Estado de Direito Democrático em países como Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe ou Timor-Leste, e o Instituto Confúcio, na vertente cultural e linguística.

6. Por último, impõe-se salientar o papel preponderante dos nossos Antigos Estudantes, os melhores cartões de visita da UC em Portugal e no mundo. Na nossa opinião, para a internacionalização da nossa Universidade, é crucial apoiar as associações existentes, criar outras Redes *Alumni* lideradas por personalidades credíveis (*v.g.* Moçambique, São Tomé e Príncipe, Benelux), distinguir (alguns antigos estudantes como) Embaixadores *Alumni* UC, bem como reforçar campanhas de marketing e parcerias associadas ao cartão de Antigo Estudante da UC.

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra para as Relações Externas e *Alumni*

O HORROR AO HORIZONTE

«Polytope de Cluny» (1972-74) de Iannis Xenakis, Fundação Calouste Gulbenkian, 2022

De Nova Iorque vê-se Coimbra — desde que se suba suficientemente alto! Desde que Coimbra suba suficientemente alto... vemos Nova Iorque — e Nova Iorque pode ver Coimbra! Ou seja, a linha do horizonte é derrotada pela subida em altura; basta sobrelevar-nos o necessário e seremos sempre visíveis em qualquer ponto de cada hemisfério. Não havendo limites de altitude, não há também limites de visibilidade e de projecção.

Vem isto a propósito da exposição nacional e internacional da Universidade de Coimbra (UC) e da nossa vontade de que ela seja verdadeiramente uma «Universidade do Mundo»: sem limites de horizonte — porque sem limites de altura!

Bem sei que o legado histórico dos que nos antecederam nos ajuda de forma importante: é um conforto apresentar mais de sete séculos de História de Portugal e da Lusofonia como património intelectual da UC. Mas também é verdade que não basta nem resolve nada para o futuro imediato.

É por isso que a ambição da UC deve ser sempre rasgar horizontes. Foi pelo horror ao horizonte que fomos onde fomos.

Nunca nos conformámos com o horizonte que nos foi dado e, com Henrique, o Infante e com João II, o Perfeito Príncipe, decidimos destruir, vencer, derrotar o horizonte que a geografia nos tinha imposto — criando a primeira globalização — e fomos conhecer os horizontes da Ásia, com o Gama e o Albuquerque.

Gostámos tanto da sensação, que voltámos a fazer a mesma guerra ao Horizonte com Capelo e Ivens e Silva Porto, rasgando África — e com Cabral e Martim Afonso de Souza (curiosamente, enviado pelo mesmo João III que fixou a UC em 1537), rasgando os Brasis — e fomos conhecer os horizontes do hemisfério sul.

Na UC, fizemos o mesmo entre 2019 e 2023: conseguimos rasgar o horizonte da projecção internacional da UC, da limitação cultural da província, da modéstia demográfica regional.

Agigantámos, subimos mais alto, aumentámos o horizonte quando decidimos não prejudicar ninguém no seu percurso escolar por causa de um vírus mal conhecido e de uma doença disruptiva.

A UC manteve-se em funcionamento, num incrível e inimaginável esforço de tenacidade contra a adversidade: houve uma mobilização total de forças e vontades para «não pararmos»; e, sim, não parar, continuar o movimento é a garantia de que o horizonte tem mesmo de se afastar de nós, permanentemente.

Acresce que sabemos bem que há ainda horizontes que falta (continuar a) rasgar: há a manifesta necessidade de impedir que as macrocefalias de Porto e Lisboa (esmagadores concentrados de população) não fechem o horizonte sobre Coimbra e a sua Universidade: a liderança nacional de que a UC teve o exclusivo até à República não pode, obviamente, voltar a existir. Mas a UC pode e deve assumir o papel de liderança regional que lhe quadra naturalmente: a sua presença nos pólos de Alcobça e da Figueira da Foz, a sua participação activa em diversos consórcios de instituições e empresas, nacionais e internacionais, a sua ligação sinérgica ao CHUC, a sua presença na Associação das Universidades de Língua Portuguesa, a sua intensa actividade nos Cursos de Medicina da Universidade dos Açores ou de Cabo Verde, a sua forte intervenção nas relações sino-portuguesas — tudo isto (e muito mais) são exemplos das forças imensas que a UC pode mobilizar para empurrar para diante os horizontes a que hoje pode parecer estar atida.

Sobre-elevada, «puxada para cima», alcandorada — por todos nós e por todos os que se nos juntem e que sempre convidamos, na cidade e na Região —, a UC deixa de ter limite de horizonte e permite-nos sonhar com o dia em que juntemos robustamente o legado histórico e a projecção para o futuro e proclamemos, convictos e entusiasmados: «cá estamos... e estaremos!»

* Pró-reitor da Universidade de Coimbra para a Saúde e a Bioética

Este texto foi escrito ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico, por vontade do autor.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL — UM CONTÍNUO HORIZONTE DE DESAFIOS

Antecipar tendências, mesmo que para um horizonte de curto prazo, afigura-se um exercício quase fantasioso nos tempos em que vivemos, marcados pela pandemia da COVID-19, pelo conflito militar em curso na Ucrânia, por sucessivos eventos climáticos extremos, pela crise energética e por uma taxa de inflação há muito não sentida. Não obstante tão incerta atmosfera, estão prestes a entrar em vigor medidas que se preveem impactar a estratégia de qualquer organização, nomeadamente nas dimensões ambientais, sociais e de governação. Testemunhamos uma mudança de reporte voluntário de sustentabilidade para um contexto de cumprimento obrigatório de normas (por exemplo, as normas adotadas pelo Conselho Europeu em 28 de novembro de 2022 relativas aos **European Sustainability Reporting Standards**, do **European Financial Reporting Advisory Group**). Em 1 de janeiro de 2023, entrou em vigor o Regulamento Delegado 2022/1288 da Comissão Europeia (CE), que «complementa o Regulamento (UE) 2019/2088 (...)» com o princípio de «não prejudicar significativamente»

o teor, as metodologias e a apresentação das informações relacionadas com os indicadores de sustentabilidade e os impactos negativos para a mesma, e o teor e a apresentação das informações relacionadas com a promoção das características ambientais ou sociais e com os objetivos de investimento sustentável (...). A **compliance** (vulgo, cumprimento) com o reporte de sustentabilidade contribuirá para reforçar a proteção dos investidores e reduzir o **greenwashing**, o que irá, em última instância, apoiar a transição do sistema financeiro para uma economia mais sustentável, induzindo, a muito curto prazo, a novas práticas de gestão. Neste contexto, a aplicação do princípio **Environment, Social & Governance (ESG)** sairá reforçada em prol do crescimento sustentável da economia e da sociedade, nela residindo o alicerce fundamental para empresas eticamente responsáveis, que almejem sustentabilidade no desenvolvimento. Antes de ser o conceito ora bastante divulgado, o ESG era vulgarmente denominado «investimento responsável» ou definido como «responsabilidade social empresarial».

Integrar os critérios do ESG em decisões de gestão empresarial, ou de uma universidade, torna-se, assim, um salvo-conduto internacional para organizações que persigam o desenvolvimento sustentável, implicando mudanças operativas nos seus órgãos de gestão. É provável que as organizações mais pró-ativas se tenham antecipado, munindo-se de recursos capacitados para um bom desempenho económico. Outras, mais reativas, rapidamente se sentirão instigadas a encetar novos modelos organizacionais.

Das diversas evoluções na legislação do ESG nos anos recentes, a introdução da Taxonomia da União Europeia (EU) foi, decerto, uma das mais relevantes, ao identificar cinco significativos objetivos de cariz ambiental: i) mitigação/adaptação relativa a alterações climáticas; ii) proteção da água e dos recursos marinhos; iii) transição para uma economia circular; iv) controlo da poluição; v) proteção dos ecossistemas. As organizações irão acentuar a reavaliação da governação interna para determinar como alavancar o ESG sobre desígnios económicos no que concerne à seleção de quadros superiores, desenho de estruturas organizacionais e formação de trabalhadores, a fim de conceberem uma prevenção eficaz de riscos e um mecanismo de «proteção».

Em suma, a relação entre empresas e mercado está a passar de um modelo tradicional de oferta, procura, risco e oportunidade, para um novo paradigma onde a sustentabilidade desempenha um papel central. Antecipa-se um horizonte em que se incrementa a incorporação de comportamentos éticos nas organizações, de par com práticas de desenvolvimento sustentável, como se preconiza na Agenda 2030 das Nações Unidas. A tendência ambicionada deve passar pela inclusão crescente dos Direitos Humanos nas estratégias organizacionais, sejam elas do setor privado ou público, realce particular outorgado ao papel das universidades enquanto entidades geradoras de conhecimento e formadoras de cidadãos do futuro.

A sustentabilidade e a responsabilidade social representam, assim, atitudes, comportamentos e ações transversais a toda a instituição, que enquadram e estão sempre presentes, contribuindo claramente para elevar os níveis de desenvolvimento locais e globais. O Desenvolvimento Sustentável (DS) convoca-nos a todos e exige uma resposta urgente num compromisso transversal e interdisciplinar. Assim, a prática dos últimos dois anos evidenciou como essencial dotar a Universidade de Coimbra (UC) de uma estrutura especializada: o Gabinete para o Desenvolvimento Sustentável da UC (GDS.UC) conforme Despacho n.º 237/2021. Este tem como competência primeira apoiar a conceção da estratégia de sustentabilidade e guiar a sua implementação operacional, além da sua monitorização. Similarmente, ao abrigo do Despacho n.º 251/2021, foi criado o Observatório para o Desenvolvimento Sustentável da UC (ODS.UC) que tem como missão refletir sobre matérias relacionadas com o DS, aconselhando o reitor nas diversas vertentes

de sustentabilidade (ambiental, económica e social) e nas cinco dimensões dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 das Nações Unidas — Pessoas, Planeta, Prosperidade, Paz e Parcerias. O ODS.UC é composto por membros representantes de toda a comunidade UC: estudantes, docentes, investigadores, membros do Conselho Geral, pessoal do corpo técnico, administradores dos Serviços de Ação Social, e presidido pelo reitor.

Neste quadriénio, a UC mostrou a sua força e liderança no cenário global, ao continuar a posicionar-se entre as melhores universidades do mundo — a primeira da União Europeia —, através do reiterado êxito no **ranking THE** (Times Higher Education) e ao destacar-se como uma das instituições que mais contribuí para o alinhamento dos 17 ODS da agenda 2030 das Nações Unidas. Não nos limitámos ao ensino e à investigação, e acentuámos uma forte atitude de responsabilidade social criando a iniciativa UC Challenges for Global Sustainability. Este concurso desafiou estudantes universitários e pré-universitários, portugueses e não só, a conhecerem os ODS da Agenda 2030 das Nações Unidas e a desenvolverem projetos com potencial de transformação e replicação, capazes de contribuírem para um mundo melhor. Tem sido inegável o nosso compromisso com o DS, patente, também, na atribuição do Prémio UC, em 1 de março de 2022, a Engenheiro António Guterres, como forma de homenagear e reconhecer o trabalho deste líder mundial. É de assinalar, ainda, a atribuição do grau de Doutor **Honoris Causa**, em 8 de junho de 2022, por proposta da Faculdade de Economia da UC, no âmbito das comemorações dos 30 anos de ensino da Gestão, a Rui Nabeiro, empresário ímpar que tanto contribuiu para o desenvolvimento do país, ancorado em fortes valores humanos e éticos.

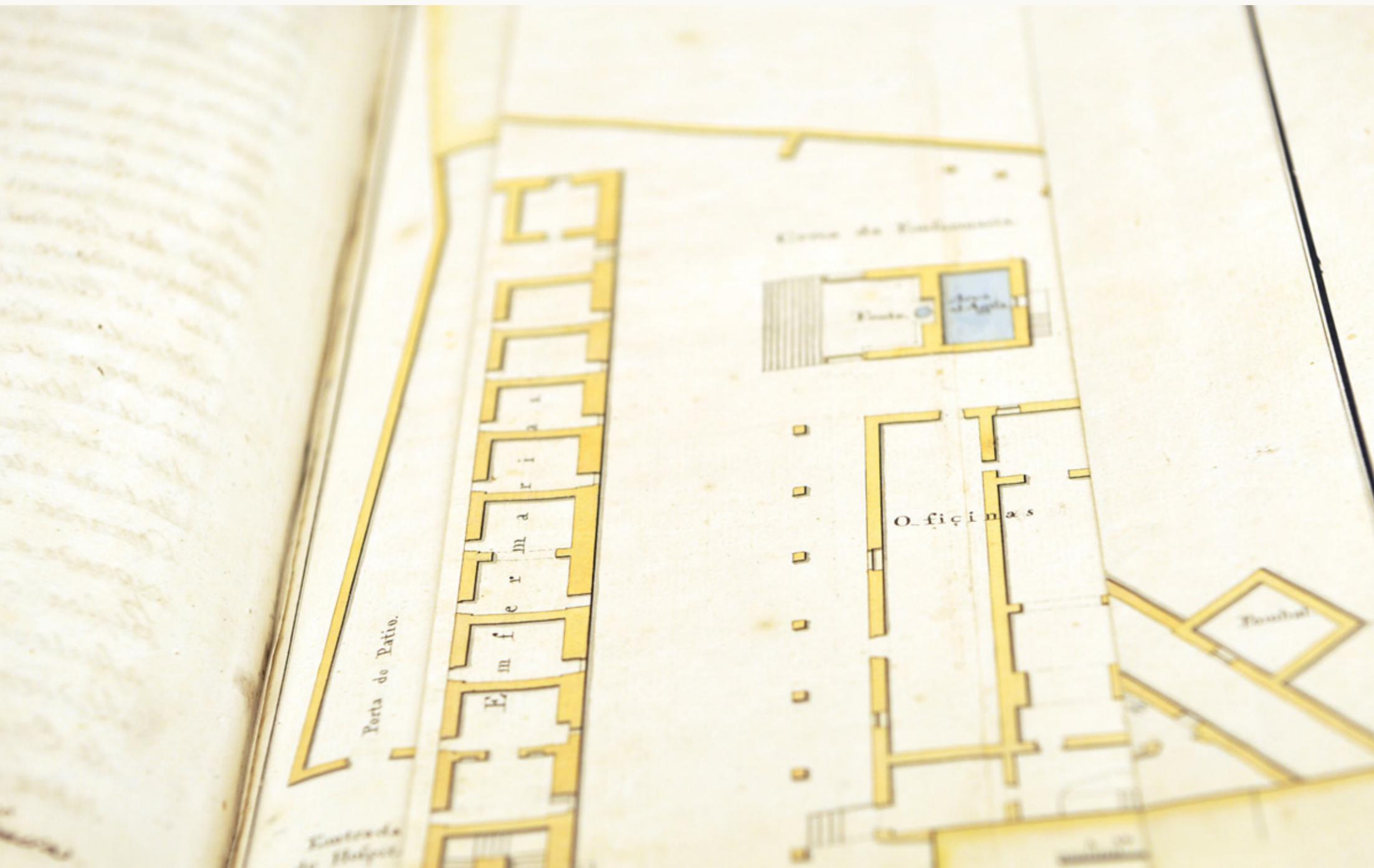
Apesar de termos concretizado ações inéditas na nossa Universidade, a UC terá de continuar a trilhar um caminho de excelência, ao promover a investigação de qualidade, ao destacar-se no contexto nacional e internacional, e ao estabelecer parcerias importantes, como o projeto RES4CITY, entre outros. A UC tem o dever de ser um exemplo na promoção do desenvolvimento sustentável e da responsabilidade social, encorajando os seus membros a trabalhar de forma colaborativa, criativa e inovadora para enfrentar os desafios do século XXI. Em suma, a UC incentiva, em permanência, a inovação e o desenvolvimento de soluções para os desafios globais. No horizonte futuro, a UC tem o desafio de se adaptar às novas realidades e cumprir os padrões ESG e reporte integrado com o plano estratégico.

Na UC, o desígnio em prol da neutralidade carbónica, plasmado no seu Plano Estratégico 2019-2023, continuou a bom ritmo, sendo possível consultar os recentes e voluntários Relatórios de Sustentabilidade, elaborados num contínuo exercício de **accountability**, em www.uc.pt/sustentabilidade.

* Pró-reitora da Universidade de Coimbra para o Planeamento

OFICINA DOS SABERES

RL#57 | 27

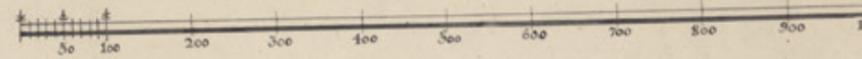


Livro de Provisões, Marquês de Pombal (provisões)
Guilherme Elsdén e oficiais ajudantes (desenhos), 1772, MNMC2231.
Um Espaço Para Minerva, o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra,
2022, Museu Nacional de Machado de Castro.



ANA MARGARIDA DIAS DA SILVA *
MARIA TERESA GONÇALVES **

DESENHOS INÉDITOS
DO JARDIM BOTÂNICO
DA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA:
**OLHAR PARA TRÁS
PARA VER DE NOVO**



RL #57
OFICINA DOS SABERES
RETROVISOR

No ano em que se cumpriram 250 anos da Reforma Pombalina (1772) da Universidade de Coimbra (UC), o Departamento de Ciências da Vida (DCV) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC (FCTUC) e a Imprensa da Universidade de Coimbra trouxeram à estampa uma coleção de 40 desenhos do Jardim Botânico da UC, cinco já conhecidos e divulgados e 35 inéditos¹. Guardados durante décadas no antigo Instituto Botânico (no colégio de S. Bento, atualmente sede do DCV), os 35 desenhos agora resgatados do esquecimento são de tipologia muito diversa e abarcam um arco temporal de quase 200 anos. Da autoria de Manuel Alves Macomboa, Guilherme Elsdén, José do Couto, António José das Neves e Mello e Cottinelli Telmo, entre outros, os desenhos, nem todos assinados e/ou datados, são, essencialmente, documentos de trabalho que ficaram guardados na «gaveta do jardineiro». Alguns são reveladores de projetos nunca concretizados ou que foram muito modificados na sua execução. Vários planos, alçados e cortes revelam cálculos e anotações a lápis, que mostram hesitações e alterações. E nisso se distinguem dos conhecidos e luxuosos desenhos dos estabelecimentos da Reforma Pombalina dispersos por várias instituições (dois álbuns com 30 desenhos cada, e desenhos avulsos conservados no Arquivo da UC, na Biblioteca Geral da UC e no Museu Nacional de Machado de Castro). No conjunto, plantas, alçados e cortes trazem um novo olhar sobre o processo de construção do Jardim Botânico da UC e permitem acompanhar o percurso das obras realizadas, mostrando as soluções arquitetónicas projetadas e efetuadas, no diálogo entre as componentes artística e científica. Desde logo, a escolha do «lugar, que se achar mais próprio, e competente nas vizinhanças da Universidade» (*Estatutos*, Título VI, Cap. II, 1772, 391) para se instalar o jardim, e que recaiu no terreno junto à cerca de S. Bento, representado no desenho mais antigo agora encontrado, com data de 1772-1773 e assinado por Manuel Alves Macomboa. Depois, o alinhamento dos terraplenos, construção de terraços, escadarias e muros que delimitam o horto primitivo, o *quadrado central*, de onde se vai prolongar o jardim desde os Arcos até à avenida das tílias, concluída em finais do século XIX, e a progressiva abertura dos caminhos da mata, que expandem o Jardim

Botânico até à Baixa da cidade, junto ao Mondego. Por fim, a reconfiguração do quadrado central por Júlio Henriques (professor de Botânica e diretor do Jardim Botânico da UC entre 1873 e 1918) que substituiu os canteiros lineares por canteiros concêntricos, concretizando um «jardim geográfico», posteriormente alvo das «obras de aformoseamento» realizadas nas décadas de 1940-1950, sob a responsabilidade da Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra (CAPOCUC).

O processo de identificação dos desenhos, a atribuição de autorias e datas obrigou a olhar *para trás*: consulta de bibliografia especializada sobre o Jardim Botânico e sobre a Reforma Pombalina da UC e, também, análise de fontes manuscritas, principalmente do Arquivo de Botânica da UC.

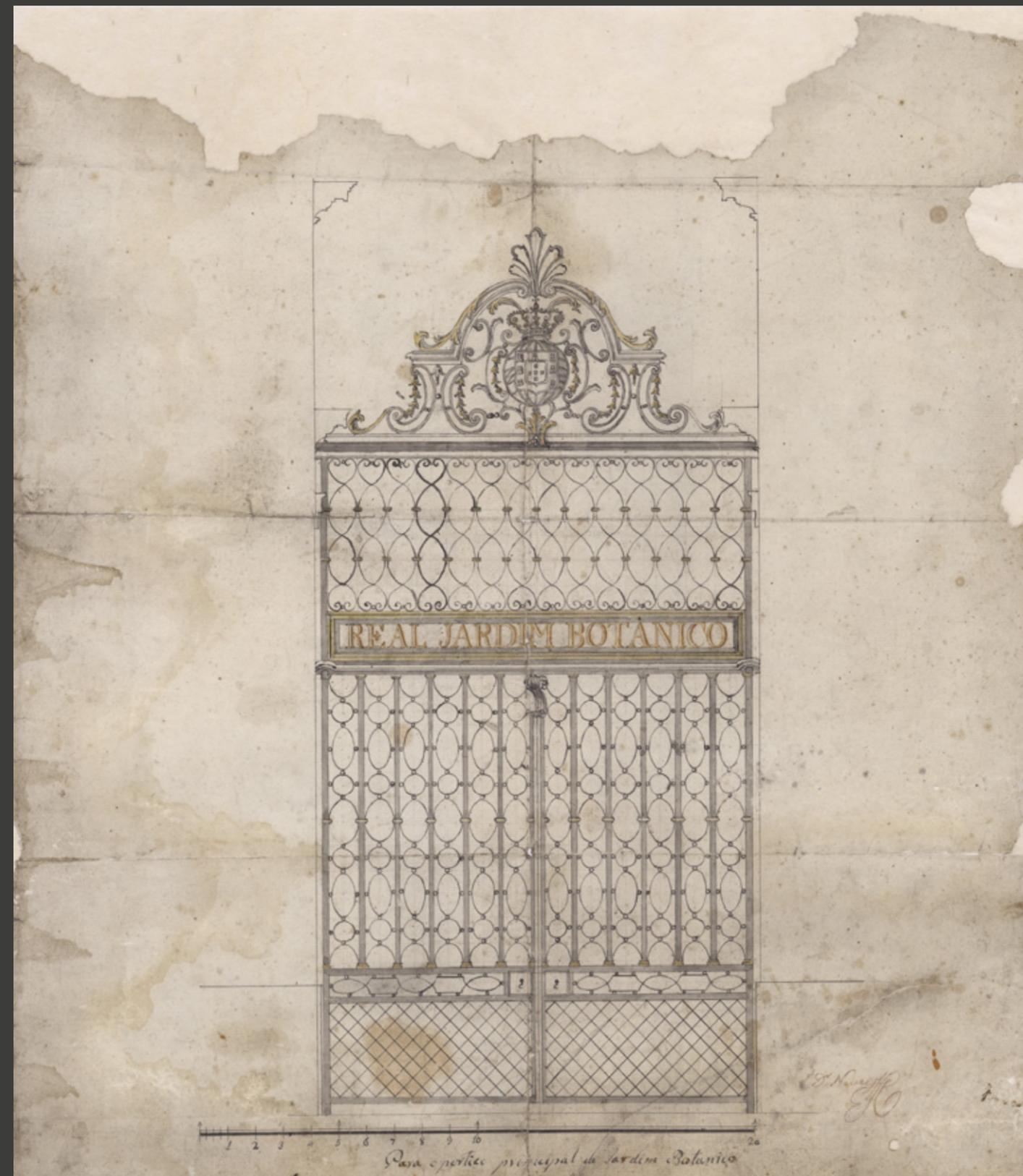
Com esta descoberta, o primeiro quartel do século XIX, no qual foram realizadas obras estruturais no jardim, e até agora o período com menor expressão iconográfica, passa a contar com 17 novos desenhos reveladores da construção física e da organização científica do espaço da responsabilidade de Félix de Avelar Brotero, insigne botânico e diretor do Jardim Botânico (1791-1811). O seu colaborador e inspetor das obras do jardim, António José das Neves e Mello, que assumiu mais tarde o lugar de diretor do Jardim Botânico em dois períodos (1811-1822 e 1825-1834) desempenhou um papel decisivo na condução das obras. A leitura do diário de Neves e Mello, que dedica algumas páginas às obras do jardim em 1814, revelou-se fonte importante para a identificação e ordenação no tempo de desenhos não datados nem assinados.

A coleção, agora reunida e ampliada pelos 35 desenhos inéditos, vem colmatar vazios, desvendar aspetos ignorados e revelar a importância e o labor de alguns intervenientes menos conhecidos no longo e atribulado processo de construção do Jardim Botânico da UC, último empreendimento da Reforma Pombalina a ser concluído. A feliz descoberta, ocorrida 250 anos depois da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra, e bem assim da fundação do seu jardim, permite um novo olhar sobre o Jardim Botânico que hoje conhecemos como espaço de ciência, coleção biológica e espaço emblemático da UC e da cidade de Coimbra.

* Técnica superior no Arquivo do Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra

** Professora do Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

¹ SILVA, Ana Margarida Dias da, GONÇALVES, Maria Teresa Silva (2022). *Catálogo dos desenhos do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra: Coleção do Departamento de Ciências da Vida — séculos XVIII a XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade. Disponível em: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2273-6>





Jardim Botânico

Poço do Jardim

aqueduto para o Jardim

Mapa topográfico do aqueduto para o Jardim Botânico.

José Carlos Magne
1781, fevereiro, 27
Papel, tinta ferrogálica, aguadas amarela, verde, azul e cinza.
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Inv. 3371/32

MODELAÇÕES 3D DE PROJETOS E EDIFÍCIOS DA **REFORMA POMBALINA DA UNIVERSIDADE**



Figura 1:
Guilherme Elsdén.
Primeiro projeto
para o Observatório
Astronómico,
aproveitando a torre
de planta quadrada
do castelo: desenho
de 24 de novembro
de 1772, Fundação
Biblioteca Nacional,
Rio de Janeiro
(modelo 3D:
Rita Rodrigues).

Em 2022, comemoraram-se os 250 anos da Reforma Pombalina da Universidade. A Reitoria da Universidade de Coimbra (UC), através do vice-reitor professor Delfim Leão, contactou o Departamento de Arquitetura no sentido de se produzir uma coleção de modelos 3D, em formato digital, dos projetos dos edifícios da Reforma, aprofundando um trabalho começado no âmbito da unidade curricular de História da Arquitetura Portuguesa, no ano letivo de 2020-21. Em 29 de setembro de 1772, em sessão solene na Sala Grande dos Atos, Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, apresentava com pompa e circunstância, os novos Estatutos ao corpo reunido da Universidade. Eram criadas as novas Faculdades de Filosofia e de Matemática (substituindo a extinta Faculdade de Artes), mantendo-se as restantes faculdades de Teologia, Direito, Cânones e Medicina, ainda que esta última em formato renovado. Para as novas faculdades e para a reformulada Faculdade de Medicina, promovia-se um novo ensino de caráter prático e experimental, apoiado em novos estabelecimentos criados para o efeito: os Gabinetes de Física Experimental e de História Natural, o Laboratório *Chímico* e o Jardim Botânico para a Faculdade de Filosofia; o Observatório Astronómico para a Faculdade de Matemática; e o Teatro Anatómico e Dispensatório Farmacêutico para a Faculdade de Medicina, além da junção do

Hospital Público da cidade à Universidade. Para executar a Reforma no terreno, nos seus mais variados aspetos, foi nomeado Reitor-Reformador D. Francisco de Lemos, verdadeiro «braço-direito» do Marquês em Coimbra. Para instalar estes novos estabelecimentos pedagógicos e científicos, estavam disponíveis os edifícios do Colégio de Jesus (dos expulsos jesuítas), o antigo castelo (a nascente da Alta, para o Observatório), conseguindo ainda o Marquês a cedência de parte da cerca do Colégio de S. Bento para o Jardim Botânico. Seria também criada a Imprensa da Universidade, instalada no claustro da Sé Velha, já que a catedral passava a ser a antiga igreja dos inicianos, agora Sé Nova. Para realizar os projetos de arquitetura dos novos estabelecimentos, veio com o Marquês o tenente-coronel Guilherme Elsdén, inglês radicado em Portugal, que havia feito carreira no exército português, realizando levantamentos cartográficos e territoriais e dirigindo algumas obras infraestruturais. Trabalharia com Elsdén uma equipa de engenheiros militares, que incluía os capitães Izidoro Paulo Pereira e Joaquim Oliveira, e ainda os ajudantes Ricardo Franco de Almeida Serra, Theodoro Marques Pereira da Silva, Guilherme Francisco Elsdén (filho do «Diretor das Obras»), Manuel de Sousa Ramos e o discípulo do número Inácio José Leão. Após a coordenação dos primeiros levantamentos, realizados durante a estada do Marquês em Coimbra,



Figura 2: Guiherme Elsdén. Segundo projeto para o Observatório Astronómico, aproveitando ambas as torres do castelo: desenho do verão de 1773, Museu Nacional de Machado de Castro (modelo 3D: Rita Rodrigues).



Figura 3: Guiherme Elsdén. Projeto final para o Observatório Astronómico, aproveitando a torre de planta quadrada do castelo: desenhos de finais de 1773 ou inícios de 1774, Livro dos Riscos das Obras da Universidade de Coimbra (modelo 3D: Rita Rodrigues).



Figura 4: Manuel Alves Macomboia. Observatório Astronómico do Paço das Escolas, construído entre 1791 e 1799, demolido em 1951 (modelo 3D: Rita Rodrigues).

em setembro-outubro de 1772, Elsdén e a sua equipa regressariam a Lisboa, onde produziram as plantas dos edifícios existentes (incluindo uma notável planta conjunta dos colégios de Jesus e das Artes, hoje no Rio de Janeiro) e umas primeiras ideias de adaptação dos mesmos aos novos estabelecimentos, como a proposta de adaptação da torre quadrangular do castelo de Coimbra a um primeiro e modesto observatório astronómico. Elsdén voltaria a Coimbra em março de 1773, dando início às obras de transformação do corpo nascente do antigo Colégio de Jesus, correspondente à atual fachada do Museu de História Natural, que definia o também novo espaço urbano do Largo do Museu, atual Praça Marquês de Pombal.

Os desenhos dos projetos da Reforma Pombalina encontram-se espalhados por várias instituições, das quais destacamos o Museu Nacional de Machado de

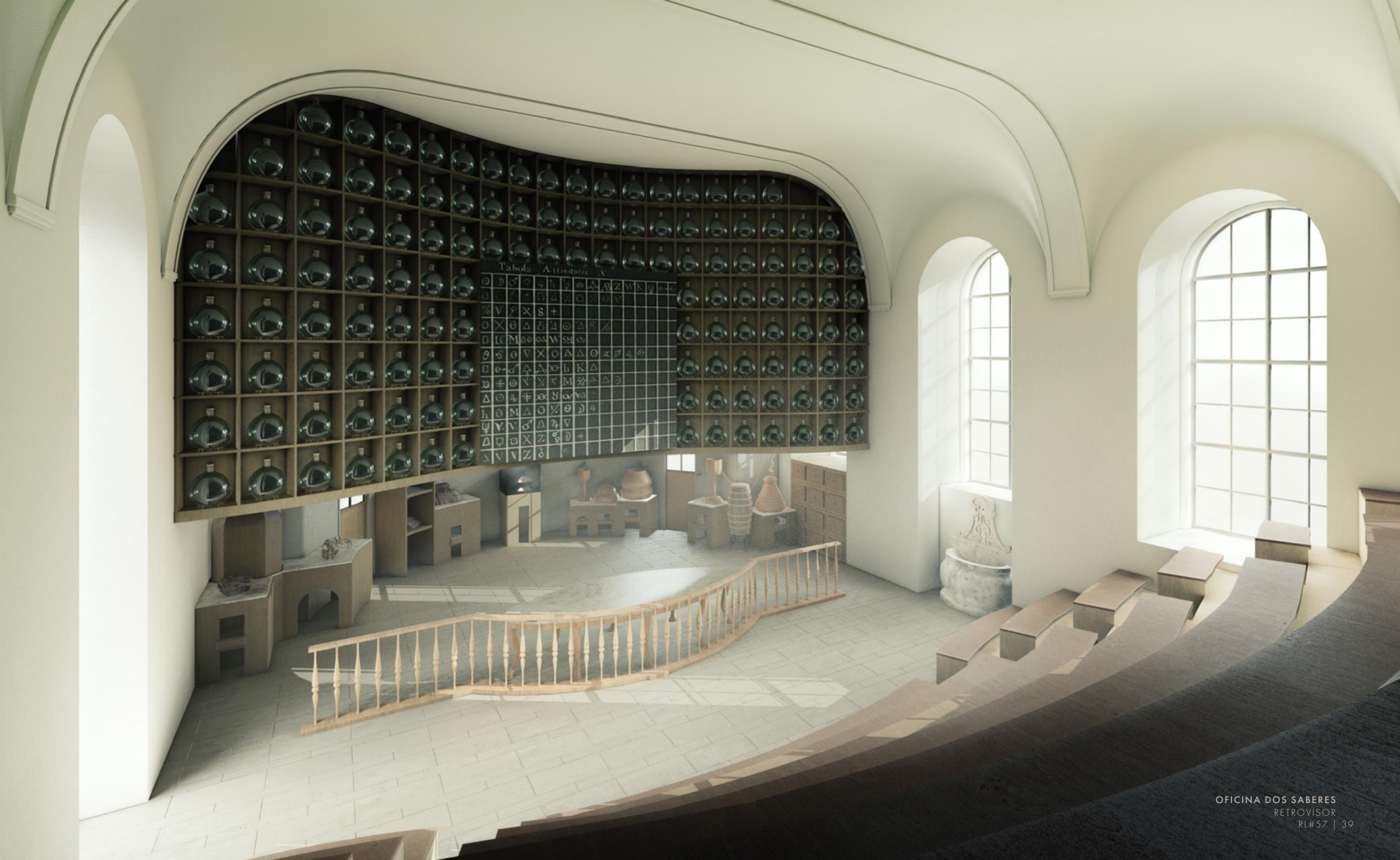
Castro (MNM), a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) e ainda a Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (FBN-RJ), que tem à sua guarda dois álbuns encadernados. Um outro álbum encadernado, pertencente a privados, é o famoso livro dos *Riscos das Obras da Universidade*, que o Reitor-Reformador organizou em 1777 para levar à presença da nova monarca D. Maria I. Outros desenhos avulsos guardam-se em várias unidades da Universidade, como sejam o Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), os Departamentos de Química (DQ) e de Ciências da Vida (DCV), ou o Observatório Geofísico e Astronómico (OGAUC), em Santa Clara.

Como seria natural, os primeiros projetos desenvolvidos não foram, normalmente, os definitivos, e tão pouco todos os projetos finais foram edificados — daí o interesse, a nosso ver, das reconstituições

que agora apresentamos. Decidimos desenvolver modelos dos projetos para quatro estabelecimentos concretos — o Observatório Astronómico (quatro versões), o Laboratório *Chimico* (três versões), o Teatro Anatómico e o Jardim Botânico. As reconstituições procuraram reproduzir integralmente a informação contida nos projetos, ainda que nos casos de informação incompleta ou omissa, para a elaboração dos modelos 3D, tenhamos recorrido a opções interpretativas, sempre pontuais e pouco relevantes.

Para o Observatório Astronómico, fizemos a reconstituição do primeiro projeto já mencionado (fig.1), realizado em novembro de 1772, de simples adaptação da torre quadrada do castelo (a partir de um desenho da FBN-RJ); de um segundo projeto (fig.2), em que se equacionava a adaptação das duas torres do castelo, a pentagonal e a quadrada,

projeto desenvolvido no verão de 1773 (desenho do MNMC) e que prefigurava uma ampliação evidente da escala da intervenção; e ainda o projeto definitivo do Observatório, realizado em finais de 1773 ou inícios de 1774 (álbum dos *Riscos*), que voltava a aproveitar apenas a torre quadrada (fig.3), mas à escala monumental do projeto imediatamente anterior, e que se começou a construir, não passando após a Reforma. A modelação 3D destes projetos foi realizada pela arquiteta Rita Rodrigues, que elaborou também a reconstituição do Observatório Mariano do Paço das Escolas (fig.4), projeto de Manuel Alves Macomboia (sob a supervisão de José Monteiro da Rocha), levantado entre 1791 e 1799, e demolido em 1951, por ocasião das obras da Cidade Universitária do Estado Novo.



Tabola Arithmetica

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144	145	146	147	148	149	150	151	152	153	154	155	156	157	158	159	160	161	162	163	164	165	166	167	168	169	170	171	172	173	174	175	176	177	178	179	180	181	182	183	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200
200	201	202	203	204	205	206	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264	265	266	267	268	269	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289	290	291	292	293	294	295	296	297	298	299	300
300	301	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324	325	326	327	328	329	330	331	332	333	334	335	336	337	338	339	340	341	342	343	344	345	346	347	348	349	350	351	352	353	354	355	356	357	358	359	360	361	362	363	364	365	366	367	368	369	370	371	372	373	374	375	376	377	378	379	380	381	382	383	384	385	386	387	388	389	390	391	392	393	394	395	396	397	398	399	400
400	401	402	403	404	405	406	407	408	409	410	411	412	413	414	415	416	417	418	419	420	421	422	423	424	425	426	427	428	429	430	431	432	433	434	435	436	437	438	439	440	441	442	443	444	445	446	447	448	449	450	451	452	453	454	455	456	457	458	459	460	461	462	463	464	465	466	467	468	469	470	471	472	473	474	475	476	477	478	479	480	481	482	483	484	485	486	487	488	489	490	491	492	493	494	495	496	497	498	499	500

(página anterior) Figura 5:
Guilherme Elsdén. Primeiro projeto para o Laboratório
Chimico (teatro das demonstrações químicas):
desenhos de inícios de 1773, Fundação Biblioteca
Nacional, Rio de Janeiro (modelo 3D: Ivo Gomes).



Figura 6:
Guilherme Elsdén. Segundo projeto para o
Laboratório Chimico: desenho do verão de 1773,
Departamento de Química da FCTUC (modelo 3D:
Júlia Vidotti, Rafaela Alves e Rita Rodrigues)



Figura 7:
Guilherme Elsdén. Projeto final para o Laboratório Chimico: desenhos
de finais de 1773 ou inícios de 1774, Livro dos Riscos das Obras da
UC (modelo 3D: Júlia Vidotti, Rafaela Alves e Rita Rodrigues).

Para o Laboratório *Chimico*, realizamos a reconstituição do primeiro projeto para o «teatro das demonstrações», de inícios de 1773, (a partir de desenhos da FBN-RJ), com modelação 3D do arquiteto Ivo Gomes (fig.5). Um segundo projeto (fig.6), do verão desse mesmo ano, e o projeto definitivo de edifício de planta em L (de finais de 1773 ou inícios de 1774), efetivamente construído (com o original, e não realizado, frontão triangular sobre o pórtico de entrada, fig.7), foram modelados pelas arquitetas Júlia Vidotti e Rafaela Alves (com acabamento final de Rita Rodrigues). O nunca realizado Teatro Anatómico, previsto para o «coração» do Colégio de Jesus, e que se pode ver num desenho do álbum dos *Riscos*, foi modelado por Ivo Gomes (fig.8). Por fim, reconstituímos

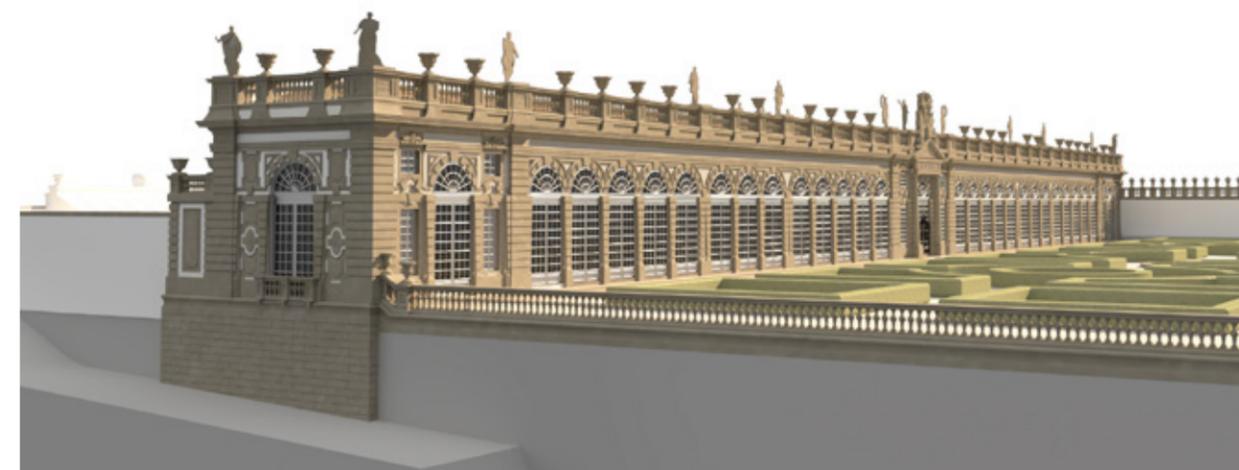
parcialmente o projeto para o Jardim Botânico de Giulio Matteazzi, de 1774, que incluía umas monumentais estufas em alvenaria de pedra, tal como mostram dois desenhos — um do DCV-FCTUC e outro do álbum dos *Riscos*. A modelação foi realizada pelas arquitetas Ana André e Rita Caniceiro (fig.9). Todos estes modelos serão disponibilizados futuramente, no âmbito de uma coleção online relativa à Reforma Pombalina, que estará associada à página *web* da UC.

* Professores no Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e investigadores no Centro de Estudos Sociais e no Centro de Investigação da Terra e do Espaço da Universidade de Coimbra, respetivamente.



Figura 8:
Guilherme Elsdén. Projeto final para o Teatro Anatómico (Colégio de Jesus): desenhos de finais de 1773 ou inícios de 1774, Livro dos Riscos das Obras da Universidade de Coimbra (modelo 3D: Ivo Gomes).

Figura 9:
Giulio Mattiazzi. Projeto das estufas do Jardim Botânico, 1774,
Livro dos Riscos das Obras da Universidade de Coimbra (modelo 3D:
Ana André e Rita Caniceiro).





RL #57
OFICINA DOS SABERES
RIBALTA

43

UC/ANOZERO NA SHARJAH INTERNATIONAL BOOK FAIR

A Universidade de Coimbra (UC) foi convidada pela comissão organizadora da Sharjah International Book Fair (SIBF) para estar presente no evento, em novembro de 2022. Em resposta ao convite feito, o reitor, Amílcar Falcão, e o vice-reitor para a Cultura e Ciência Aberta, Delfim Leão, consideraram que deveria ser a Bienal Anozero a conceber e formalizar essa representação.

A responsabilidade de tal tarefa veio confirmar a consolidação das relações entre o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC) e a UC, fortalecidas em 2015 com a realização da 1.ª edição da Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra. O Anozero surgiu da necessidade de reflexão permanente sobre a classificação, em 2013, da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO. Pensar no património e cruzá-lo com a arte contemporânea, num esforço necessário para contrariar o efeito UNESCO, foi o principal objetivo do CAPC ao propor o Anozero, em coorganização com a Câmara Municipal de Coimbra e com a UC. Este efeito, já estudado noutras paragens, aproximava-se como uma sombra plúmbea num horizonte próximo, e numa cidade como Coimbra, em que o património ainda é vivido e habitado, a sua cristalização e consequente incapacidade de dialogar e conviver com as práticas culturais da contemporaneidade seriam um risco evidente. Por isso, o Anozero é um programa de ação contínua em Coimbra, que procura contribuir ativamente para a inscrição da cultura e da sua capacidade transformadora no território.

A possibilidade de uma instituição com o peso histórico da UC se fazer representar na maior feira do livro

do mundo através da Bienal Anozero foi, sem qualquer dúvida, um sinal claro da capacidade de a instituição abrir outros horizontes, num território em que a presença portuguesa ainda tem ecos de Afonso de Albuquerque. Era imperioso encontrar um subtil contraponto para esta reverberação: a narrativa proposta pelo Anozero foi construída em torno de uma obra de arte, o filme «encontro-te a encontrar-me», do Coletivo SEM FIM. É uma aproximação culta e informada que não procura esconder a história, mas construir pontes que nos permitam estar disponíveis para conhecer o outro e dar-nos a conhecer. É a possibilidade única que a arte cria de entrar no que não nos é familiar, mas que, afinal, tão próximo pode ser de colocar no mesmo plano os nossos espaços e tempos e os dos outros, de nos fazer ser o outro e o outro sermos nós, de podermos comunicar. Esta peça encontrava-se no centro do espaço que recebia os visitantes à altura do olhar e em torno da qual se dispunham os livros selecionados, da Imprensa da UC e do CAPC/Anozero. Trata-se de um filme em que as duas personagens, que se encontram num espaço abstrato não referenciado, se tocam nas mãos, procurando conhecer-se. Estas duas mulheres, que num primeiro contacto estão receosas, mostram-nos o desconforto do que está para lá dos seus campos visuais e só nós vemos; mas mostram-nos, sobretudo, a disponibilidade mútua para não rejeitar, para não impor, ou antes, a vontade de conhecer para nos conhecermos.

Tratando-se de uma presença central na área destinada às representações culturais da SIBF, que teve início em 1982 e ganhou uma impressionante dimensão internacional graças à forte convicção do Sheikh Dr Sultan bin Muhammad Al Qasimi de que só é possível construir sociedades e civilizações fortes através do conhecimento

e dos livros, a representação da UC teria de, em nosso entender, acrescentar a proposição de que o conhecimento também acontece através de outros suportes e meios que a arte utiliza. Sabemos que esta declaração foi entendida e acarinhada, porque se realiza desde 1993 a Sharjah Biennial of Contemporary Art, que em 2023 terá a sua 15.ª edição e, tal como a SIBF, tem tido um crescimento e reconhecimento internacional exponenciais. A presença da UC em Sharjah teve este primeiro momento, abrindo novos horizontes de possibilidades futuras de produção de conhecimento conjunto.

Ao Anozero, enquanto programa de reflexão e ação sobre o território e o seu património, a par da interação com a comunidade, local e exterior, interessa sobretudo a produção do conhecimento através dos mais diversos suportes e meios. Interessa que o seu horizonte nunca se feche num campo visual demasiado pequeno, ou nos limites que existem entre distintos espaços e tempos, e que, pelo contrário, procure uma expansão infinita do campo visual e dos pontos de vista, para lá do que se encontra limitado, definido, do que nos é estranho. Acreditamos, por isso, que se enquadra com a missão da UC, que produziu, produz e continuará a produzir conhecimento através das suas mais distintas disciplinas, aumentando o seu vasto património material e imaterial. É, sabemo-lo, uma tarefa que implica uma permanente atenção e sentido de autocrítica, um olhar que deve procurar ver além do que está próximo para melhor ver.¹

* Membro da direção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

¹ Nesta vontade de atenção, há uma ressonância do horizonte de Gadamer.

OS PORTUGUESES NO GOLFO (1507-1650): UMA HISTÓRIA INTERLIGADA



No passado dia 2 de outubro de 2018, por proposta do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), a Universidade concedeu o grau de Doutor *Honoris Causa* a Sua Alteza o Xequé do Emirado de Sharjah Sultan bin Muhammad Al Qasimi. Assim procedendo, a Universidade de Coimbra (UC) comprometeu-se com a promoção do pensamento e de valores humanistas, além de, por esta via, contribuir para a configuração de um mundo multicultural, pacífico e acolhedor da diferença.

O ritual ato académico, além de reconhecer e consagrar as distintas qualidades académicas e humanas do laureado, personalidade que tem um imenso apreço pela história e cultura portuguesas, tinha o propósito de alargar os horizontes de atividade da UC. De facto, pese embora a Academia Conimbricense seja uma pluricentenária instituição de ensino e de produção de conhecimento, a sua projeção é ainda modesta em diversas latitudes do Médio Oriente, uma área do mundo que se tem tornado cada vez mais relevante. Desde então, a UC e as autoridades do Emirado de Sharjah têm-se comprometido com a dinamização de iniciativas conjuntas que permitam consolidar a relação iniciada em 2018 e criar condições que estimulem a colaboração entre professores e investigadores de Coimbra e a Universidade e outras instituições de cultura e investigação do Emirado de Sharjah. Um importante marco desta caminhada foi a presença, em novembro de 2022, de uma delegação da UC na Feira do Livro de Sharjah, certame que é hoje um dos mais relevantes eventos do género no mundo.

É com o intuito de fortalecer estes laços, por solicitação e com o apoio da Reitoria, através da coordenação do vice-reitor Delfim Leão, que o Centro de História da Sociedade e da Cultura está a preparar a exposição sob o título *Os Portugueses no Golfo (1507-1650): uma História Interligada*. Baseada em conhecimentos historiográficos já consolidados e em pesquisas especificamente desenvolvidas para o efeito, a conceção e preparação da iniciativa está a cargo de Roger Lee Jesus, investigador do referido Centro, e tem a assessoria de uma comissão científica que integra destacados historiadores da presença portuguesa na Ásia, oriundos de várias instituições universitárias: Ângela Barreto Xavier (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa); Jorge Flores (Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia); Walter Rossa (UC).

Portugal e a região do Golfo Pérsico estabeleceram conexões de sentido muito variado, desde que, em 1507, uma violenta incursão naval comandada por Afonso de Albuquerque conquistou Ormuz, pequeno reino situado numa ilha à entrada do referido Golfo. É provável que diversas zonas costeiras

desta área tenham então sido tocadas pela armada de Albuquerque. Desde esta data, e até 1650, altura em que os portugueses foram expulsos da fortaleza de Mascate, hoje em território de Omã, houve continuidade da presença portuguesa em diversos pontos da região e, sobretudo, no Índico, oceano que armadas portuguesas procuraram controlar.

O roteiro expositivo tem uma perspetiva abrangente e visa dar a conhecer a um público de leigos várias facetas desta relação, fornecendo um quadro compreensivo, aberto às perspetivas da história global, da presença portuguesa na Ásia e da importância do Golfo para os portugueses e para a Europa. Não se propõe uma visão eurocêntrica, na qual o Golfo surge exclusivamente como cenário da expansão colonial europeia. Propõe-se uma visão aberta e fluida, onde a pluralidade de objetos expostos — entre livros, manuscritos e peças de diversa índole utilizadas nas relações que se estabeleceram entre os portugueses e povos da região —, consinta perceber aquele território como um local plural, simultaneamente uma área de fronteira, mas também de encontro. A chegada dos portugueses ao Golfo, na primeira década do século XVI, foi, como já se sublinhou, marcada pela expansão bélica. Não obstante, verificaram-se outras conectividades que a exposição visa resgatar, com destaque para as trocas comerciais, artísticas e culturais que ali se verificaram no decurso de 150 anos.

O projeto arquitetónico da Exposição está a cargo do Atelier do Corvo e procura conciliar os vestígios do passado que serão expostos, com uma imagem de contemporaneidade, que incluirá dimensões digitais. No fundo, uma perspetiva alinhada com a marca da UC, uma instituição com um forte peso do passado, mas que se foi afirmando em diversos momentos da sua existência pelo arrojo da inovação do pensamento, do conhecimento, de formas estéticas que foi sabendo criar e divulgar.

A Exposição será inaugurada em Sharjah, no dia 26 de março de 2023, e estará patente ao público até 8 de abril. Em simultâneo, será promovido um ciclo de quatro conferências sobre a temática da presença portuguesa no Golfo. No dia da abertura da Exposição, o reitor da UC e o diretor da Faculdade de Letras oferecerão a Sua Alteza o Xequé do Emirado de Sharjah um livro editado pela Imprensa da UC, evocativo do Doutoramento *Honoris Causa* de Sultan bin Muhammad Al Qasimi. Espera-se que este gesto simbólico constitua mais um marco relevante dos novos horizontes que a Universidade continua a abrir.

* Professor na Faculdade de Letras e coordenador científico do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra

AGUSTINA BESSA-LUÍS, VIVA!



Celebrou-se, ao longo deste ano, o centenário do nascimento de Agustina Bessa-Luís, um dos nomes maiores da nossa literatura contemporânea, e uma das poucas escritoras portuguesas que conheceram, em vida, o justo reconhecimento nacional e internacional. Na Universidade de Coimbra (UC), revisitou-se a sua escrita multifacetada numa sessão realizada na Faculdade de Letras, em 23 de novembro de 2022, na qual participaram vários membros do Centro de Literatura Portuguesa e o escritor Mário Cláudio, que evocou episódios de um convívio literário muito próximo com a «amarantina».

A personalidade *sui generis* de Agustina, manifestada de forma tão assertiva quanto desconcertante nas entrevistas e intervenções públicas, encontra-se igualmente na sua singular autobiografia literária — *O Livro de Agustina Bessa-Luís* (2007). A autora revela que acalentou desde criança a ambição de se destacar numa atividade criativa. Pensou em ser pintora, mas percebeu que não seria brilhante. Pelos 19 anos, já com alguns contos publicados em jornais, a opinião positiva de um leitor decide o seu destino: «É isto, sou uma escritora».

A atitude voluntarista marca o início duma carreira abraçada com a consciência firme de quem sabe que se tornará uma *grande escritora* — assim se reconheceria mais tarde, sem falsa modéstia. Ao profissionalizar-se numa época em que as vozes femininas ainda escasseavam no meio literário português, Agustina foi conquistando com determinação o lugar merecido entre os seus pares. O caminho estava traçado, os primeiros títulos surgiram, mas sem o êxito desejado: seria preciso amadurecer, apurar um estilo literário verdadeiramente original. A criação de retratos humanos fulgurantes, associada a uma escrita digressiva, labiríntica, permeada de reflexões de alcance filosófico trouxeram-lhe essa marca autoral.

A consagração como romancista viria, de facto, na idade adulta, com *A Sibila* (1954), obra aclamada pela crítica e por sucessivas gerações de leitores. A história impressiva de Quina, a sibila, decorre no espaço duriense, um microcosmos estratificado que Agustina bem conheceu. Sem idealizar a vida campestre, mas imune também aos ditames ideológicos do neorealismo dominante, a autora concentra-se na exploração das relações familiares, realçando a perspicácia feminina em ambiente patriarcal. Simultaneamente, introduz no discurso um toque de modernidade ao cruzar a perspectiva de diferentes gerações de mulheres na transmissão da memória familiar.

A autora retomaria o cenário nortenho em outros romances «femininos», como *Fanny Owen* (1979) e *Vale Abraão* (1991), ambos transpostos para o cinema por Manuel de Oliveira, cuja filmografia estabelece

com a obra da romancista um fecundo diálogo criativo. As protagonistas destes três romances — Quina, Fanny e Ema — reaparecem numa peça teatral póstuma, *Três Mulheres com Máscara de Ferro* (escrita em 1998). Também mulheres verdadeiras, de perfil ousado, inspiraram Agustina, como Florbela Espanca, de quem fez uma biografia; ou a atriz Emília de Sousa, de *A Corte do Norte* (1987), romance adaptado por João Botelho em versão cinematográfica.

Mas não só de mulheres e do Norte se alimenta o imaginário de Agustina. Do universo masculino interessam-lhe igualmente caracteres fortes, que desafiam de algum modo o convencionalismo burguês. Entre as figuras reais recriadas ficcionalmente, contam-se, por exemplo, escritores da sua predileção, como Camilo, Garrett ou Ruben A. Nos bastidores do poder político, encontra matéria dramática para construir os retratos psicológicos de Francisco Sá-Carneiro (*Os Meninos de Ouro*, 1983) ou de Salazar (*O Comum dos Mortais*, 1998). A autora surpreende, neste último romance, pelo desdobramento da figura enigmática do ditador numa dupla de personagens cujas facetas contraditórias se complementam.

Não há descontinuidade entre a escrita biográfica e a escrita romanesca, já que de *vidas* imaginadas se constrói o conjunto da obra da escritora. Se a musa de Agustina é portuguesa — pois do país passado ou presente vêm quase sempre os enredos das histórias que conta —, nem por isso o seu mundo romanesco se pode considerar nacionalista, ou sequer etnográfico: por muito reconhecíveis que sejam os espaços e as figuras, o enfoque narrativo incide, de facto, na idiosincrasia individual das personagens. Na senda de Dostoievski, um dos seus mestres, Agustina especializou-se na análise da natureza humana captada nas suas grandezas e fraquezas morais: homens ou mulheres, humildes ou poderosos, todos os seus protagonistas são objeto de um olhar inquisitivo, não raro impiedoso. É essa funda sondagem personalista que lhes confere dimensão universal. Ouçamos o seu próprio testemunho (*O Livro de Agustina B.L.*):

«Eu só queria escrever, entrar no coração das pessoas e beber-lhes o sangue, avançando sempre, criando enredos e fazendo saltar as personagens das páginas. Há pouca gente que perceba que escrever é uma espécie de danação em que às vezes se têm encontros com Deus.»

* Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e coordenadora do Grupo de investigação «Património Literário» do Centro de Literatura Portuguesa



ALEXANDRA ISIDRO *

**CENTENÁRIO DO
NASCIMENTO
DE EDUARDO
LOURENÇO:
O CENTRO DE
ESTUDOS IBÉRICOS
E A CELEBRAÇÃO
DE UMA VIDA
PARTILHADA**

Assinala-se em 2023 o Centenário do Nascimento de Eduardo Lourenço, um dos maiores vultos da cultura portuguesa, professor, ensaísta, escritor, pensador incansável de Portugal, da sua identidade e destino.

Eduardo Lourenço de Faria nasceu em São Pedro de Rio Seco (Almeida), em 23 de maio de 1923, e faleceu aos 97 anos, em Lisboa, no dia 1 de dezembro de 2020. Frequentou o Liceu da Guarda e cursou Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC), onde lecionou como professor assistente até 1953, assumindo, desde então, uma atitude crítica e um pensamento autónomo. A partir de 1954, lecionou em universidades estrangeiras nas cidades de Hamburgo, Heidelberg, Montpellier, São Salvador da Baía, Grenoble e Nice, onde se aposentou em 1988, ficando a viver na região. Fixou residência em Vence até 2013, altura em que, após a morte da esposa, Annie Salomon de Faria, regressou a Portugal.

Expoente máximo do ensaísmo literário e cultural contemporâneo, Eduardo Lourenço esteve sempre atento à realidade portuguesa, tendo participado na vida política do país pela obra escrita e até no apoio a figuras e candidaturas políticas, apesar do seu afastamento. A produção ensaística de Eduardo Lourenço, abrangendo diversas áreas, da literatura e da arte aos acontecimentos políticos contemporâneos, tornou-se um fenómeno singular na cultura portuguesa, orientada por uma constante argumentação personalista, que se traduziu em mais de 40 livros e inúmeros artigos, prefácios, críticas e resenhas. Eduardo Lourenço foi reconhecido no meio universitário com quatro Doutoramentos *Honoris Causa*, e no meio cultural e social, com a atribuição de vários prémios nacionais e internacionais, além de condecorações do Estado Português, Francês e Espanhol, e de inúmeras homenagens.

São Pedro do Rio Seco, Guarda e Beira, as origens de Eduardo Lourenço, sempre estiveram no horizonte deste navegador por ruas estrangeiras. Numa lúcida reflexão identitária, refere que «viver com tanta paixão o elo que os liga à pátria — ou melhor, à terra, no sentido mais arcaico do termo — do que os portugueses, é difícil, porque essa paixão é o nome mesmo da sua identidade». Uma paixão que assume e o liga de forma indelével à sua aldeia — tão pobre onde «até o Rio é Seco» — e à sua «capital», — como se refere afetuosamente à Guarda — «a cidade, como Roma era a Urbe para o cidadão romano» e que o havia de marcar decisivamente.

Por ocasião das Comemorações do Oitavo Centenário da Guarda, em 27 de novembro de 1999, o Pensador foi convidado para refletir sobre o passado da cidade e para ajudar a repensar a vocação que desse sentido ao futuro. Num elogio à Guarda, a que chamou «Oito Séculos de Altiua Solidão», Eduardo Lourenço refletiu sobre o conceito de interioridade, que afirmou ser «mais filho

da história do que da geografia», uma vez que a Beira só é interior depois que «Portugal se define por um mar». À Guarda, não interior, mas coração de Portugal, lançou Eduardo Lourenço o repto da criação, na senda de Oliveira Martins, de uma instituição que tivesse por função pensar a jangada de pedra que dos Pirenéus se deslocava para o Atlântico. Atendendo à sua posição geográfica, a Guarda era, na sua, um espaço *hinterland*, que poderia favorecer o intercâmbio entre dois polos culturais importantes da Europa — Coimbra e Salamanca —, para que a união e o desenvolvimento das regiões de fronteira que unem os dois países se pautassem por valores imateriais: séculos de História partilhada, vivências em comum, cumplicidades. Propôs, então, a criação do Centro de Estudos Ibéricos (CEI).

O desafio foi bem acolhido e viria a concretizar-se um ano depois, com a assinatura de um protocolo e, posteriormente, com a criação formal do CEI como associação transfronteiriça sem fins lucrativos, constituída pela Câmara Municipal da Guarda, pela UC, pela Universidade de Salamanca e pelo Instituto Politécnico da Guarda.

Eduardo Lourenço diria, mais tarde, que a ideia «caiu, em todos os sentidos, na boa terra», assinalando que estas instituições conseguiram contribuir, num curto espaço de tempo, «para que uma simples sugestão se convertesse em vida partilhada», concretizando «um pequeno solho de alterar profundamente as nossa mútuas relações de conhecimento (e desconhecimento)».

A aposta na cooperação como forma de superar fronteiras, a procura de um diálogo entre culturas ancestralmente separadas, prosseguindo os valores humanistas e a dimensão universal, lapidarmente enunciados por Eduardo Lourenço, são o cerne da identidade do CEI. A pronta resposta das instituições de ensino superior envolvidas, a entusiasta adesão de uma elite dos mais reputados nomes da ciência e da investigação, a multiplicidade de eventos realizada e o crescente reconhecimento nos meios académicos e culturais dos dois países têm contribuído para a afirmação e consolidação do CEI, reconhecido, em 2021, como Instituição de Utilidade Pública.

Desde a sua criação, desenvolveu progressivamente uma estratégia clara: aliar a investigação à ação e dinamizar a cooperação territorial, tendo vindo a afirmar-se como plataforma de diálogo, encontro de culturas e centro de transferência de conhecimentos e investigação, contribuindo para superar barreiras e estimular a cooperação entre diferentes territórios de aquém e além-fronteiras.

A presença tutelar de Eduardo Lourenço foi inspiradora e determinante para abrir portas e credibilizar o CEI nos primeiros anos de atividade. A atenção dispensada ao trabalho quotidiano, a presença em iniciativas de grande ou pequena dimensão, ou a disponibilidade

para mediar contactos conjugam-se numa outra e maior singularidade: a estratégia do CEI é uma ressonância alargada do pensamento do grande ensaísta. A tal «vida partilhada» foi decisiva para o progressivo envolvimento e reaproximação do ensaísta à Guarda, que culminou com a Biblioteca Municipal, batizada com o seu nome. Trata-se de um moderno equipamento cultural de grande relevo e significado, com um acervo de cerca de 100 mil volumes, entre os quais 8500 por si oferecidos, pertencentes à sua biblioteca particular, enriquecidos com dedicatórias e autógrafos de inúmeros autores. Através da Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço e do CEI, o ensaísta reforçou os vínculos que ditaram o seu regresso simbólico às telúricas origens, a mátria Beira, com quem restabecece uma relação perene e definitiva.

A Guarda e o CEI têm, pois, o dever de respeitar este legado, continuando a promover iniciativas que honrem a memória de Eduardo Lourenço, particularmente no ano em que se comemora o centenário do seu nascimento. Pela irradiação do pensamento, pelas geografias do itinerário, pelo reconhecimento traduzido em trabalhos universitários e reuniões científicas, a obra de Eduardo Lourenço vai suscitar, certamente, ao longo de 2023, uma intensa revisitação, em iniciativas múltiplas um pouco por todo o mundo.

Para o CEI, o Centenário do Nascimento de Eduardo Lourenço é uma oportunidade de celebração e de responsabilização, pelo que pretende afirmar-se como plataforma de conhecimento e de divulgação das iniciativas que ocorram no âmbito das comemorações. Para tal, o CEI tem vindo a estabelecer contactos com várias entidades nacionais e estrangeiras, com o objetivo de articular uma programação ampla e diversificada, que reflita criticamente sobre o legado, alargue o conhecimento da obra e, assim, dignifique o seu Mentor, Patrono e Diretor Honorífico.

O CEI considera, também, ser sua responsabilidade identificar os núcleos referenciais do «território de Eduardo Lourenço» e, sobretudo numa ótica prospetiva, promover a sua consolidação. Para tal, vai organizar iniciativas que aprofundem o conhecimento da obra de Eduardo Lourenço e alarguem o universo dos seus leitores, em parceria com as entidades adequadas, além de colaborar com entidades responsáveis por outras iniciativas, quaisquer que sejam as suas naturezas, dimensão e alcance.

A preparação do programa tem o envolvimento direto de instituições com quem o ensaísta estabeleceu uma relação mais estreita e que esboçam um possível Roteiro Eduardo Lourenço. Importa lembrar que, simbolicamente, Eduardo Lourenço doou a sua biblioteca pessoal à Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço (Guarda), à Biblioteca da Faculdade de Letras e à Biblioteca Geral da UC, à Casa da Escrita (Câmara Municipal de Coimbra), encontrando-se os

seus manuscritos depositados na Biblioteca Nacional. Ainda em vida, legou ao CEI parte significativa do seu espólio (prémios, condecorações, medalhas, etc.), material que foi parcialmente usado para criar o Memorial Eduardo Lourenço, instalado na sede do CEI, inaugurado no primeiro aniversário da sua morte.

Além das entidades que celebraram a parceria que criou o CEI, constituída pela Câmara Municipal da Guarda, UC, Universidade de Salamanca e Instituto Politécnico da Guarda, este Roteiro Lourenciano integra ainda a Câmara Municipal de Almeida, a Câmara Municipal de Coimbra, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Biblioteca Nacional, o Instituto Camões e o Centro Nacional de Cultura. A Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, a Rede de Bibliotecas Escolares, a Direção Regional da Cultura do Centro, a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, o Turismo de Portugal e o Turismo Centro de Portugal são outras instituições integradas na programação da efeméride, a que se juntarão em breve outras tantas, do meio universitário e cultural.

O grupo que coordena as Comemorações no CEI, constituído por António Pedro Pita e Rui Jacinto (UC), Roberto Vecchi e Margarida Calafate Ribeiro (Cátedra Eduardo Lourenço, Universidade de Bolonha), tem vindo a alargar os contactos com diversas entidades, onde se incluem várias universidades, que já manifestaram interesse em se associar às Comemorações do Centenário do Nascimento de Eduardo Lourenço.

O programa comemorativo terá início em 23 de maio de 2023, na Guarda e na sua aldeia natal, em São Pedro de Rio Seco, concelho de Almeida, com a realização de uma Sessão Solene Comemorativa de homenagem ao pensador, e de um Congresso do Centenário. Durante um ano — até 23 de maio de 2024 —, estão previstas Conferências, Colóquios, Seminários, Exposições, Edições, Roteiros e outros eventos, que acontecerão em múltiplos lugares do país e do estrangeiro, entre universidades, bibliotecas, escolas, etc.

Deste modo, o CEI renova a relação criativa com a inspiração e a obra do seu Patrono. Trata-se de imaginar novos itinerários de pesquisas, transgredir fronteiras de saberes, inventar outros territórios de compreensão e reforçar laços de cooperação.

A página do Centenário do Nascimento de Eduardo Lourenço estará brevemente disponível em www.centenarioeduardolourenco.pt

Mais informações em:

www.cei.pt

www.facebook.com/centrodeestudosibericos

www.instagram.com/ceibericos

* Coordenadora do Centro de Estudos Ibéricos



RL #57

OFICINA DOS SABERES
CIÊNCIA REFLETIDA

55

THE IMPORTANCE OF THE WORLD CULTURAL COUNCIL



SIR FRASER STODDART *

In November 2022, the University of Coimbra (UC) hosted the annual Award Ceremony of the World Cultural Council (WCC) and I would like to reflect on the importance of such an event. The WCC is an international organization whose objectives are to promote culture, values, and goodwill throughout the world. Organizing annual award ceremonies yearly in different countries, with a renowned university or academic institute acting as host, is a unique characteristic of the organization. This approach enhances our opportunities to embrace a vision of diversity and mutual respect towards a better world. The ceremonies have proved to be an excellent opportunity for bringing together top-level scientists, educators, and artists from around the world to interact with each other as well as members of the community of the host institution. The remarkable achievements of the awardees are internationally acknowledged and their ideas are disseminated. We always seek opportunities for the awardees and WCC members to meet and inspire young people and members of the public. In this way we seek to impact society positively.

At the event in Coimbra, the WCC awarded the “Albert Einstein” World Award of Science, the “José Vasconcelos” World Award of Education and the

“Leonardo da Vinci” World Award of Arts. It was the first time in history that all three prizes had been given at the same event. The ceremony, following the hiatus brought about by the global pandemic, was a remarkable and unique occasion when the three awards were delivered during a single ceremony. The award winners were all outstanding individuals and there were several opportunities to learn about and discuss each one’s experiences. These interactions were especially visible during the Special Lectures, attended by hundreds of students from all over the region. One of the main purposes of holding such an event is to motivate young generations through the inspiration offered by outstanding individuals as role models. Despite of the success in Coimbra, the WCC does not plan to alter its normal protocol of delivering the “Albert Einstein” award annually, and the “José Vasconcelos” and the “Leonardo da Vinci” awards every other year. This practice has proved to be an outstanding combination for more than three decades. We were honoured to have the UC as a partner for 2022. The 37th Award Ceremony was a fantastic occasion and we witnessed the fact that the work of the WCC has significant parallels with the guiding precepts of the UC, with both showing a strong commitment to the belief that philosophy, scientific research, and artistic creativity can advance the social, cultural, moral and spiritual condition of mankind. The tremendous accomplishments of the 13 young scholars from the university who received Special Recognition Awards is testimony to the great work being done at Coimbra.

As it looks to the future, the WCC remains committed to the ideals expressed at its foundation 40 years ago—namely that education and the recognition of extraordinary individuals will shape the heritage of humankind. Scientists, educators, and artists enrich us through new knowledge that expands our horizons, breakthroughs that touch new minds, and original artistic expressions that elevate our lives. The goal of the WCC is to recognize individuals who have made extraordinary contributions in their disciplines, as well as having a strong positive influence on our society. We will continue to forge and maintain partnerships and friendships with like-minded institutions and individuals regardless of nationality, ideology, race, religion, or gender. Continued ties with the UC will be part of our future.

* President, World Cultural Council

DESIGNING HOPEFUL FUTURES



Iconic American painter Robert Rauschenberg, the second artist ever to receive the World Cultural Council's Leonardo da Vinci World Award of Arts, shared, "This award is not to recognize my past, but I accept it to promise you a hopeful future". Decades later, amidst both fields of possibility and the urgent challenges of our time, it is a tremendous honor to join the ranks of artists, architects, writers, musicians, and others who believe that art in all its forms inspires and builds a better world now — and with the promise of a hopeful future.

Rauschenberg's high aspirations are conceived of a sincere belief in the power of creativity and imagination that I share — with artists and designers across time, with the council, and with all who find that many of our greatest challenges — from climate change to rapid global urbanization to pervasive inequity — are best met not with only technical solutions, but with creative intelligence, imagination, and the distinct sense of humanity that so often drives artists and architects.

The ability to re-imagine the world, to re-frame problems, to generate emergent possibilities, and to simultaneously re-organize matter and re-position value is fundamental to cultural, social, and technological progress. Imagination, experimentation, and applied creativity have never

been more essential to addressing some of our most daunting challenges with some of our deepest human values — to building futures in the present with a sense of urgency and, critically, responsibility.

As many as 500 years ago, Leonardo da Vinci — artist, architect, natural philosopher, among countless other things — and namesake of the council's award of arts, once shared in his personal writings, "I have been impressed with the urgency of doing. Knowing is not enough; we must apply. Being willing is not enough; we must do". Da Vinci shares a resonant and eternally optimistic sentiment in the sense that action — the decision to act — lies entirely within our realm of control, as well with the next generation of artists and designers who both make *and* do — and as such, both build *and* inherit the future.

Design is about future-making. It is projective and anticipatory. In bringing together creativity and imagination with utility and purpose, design enables us to envision and reshape the world in radically new ways. Design is a profoundly optimistic act and, almost always, a glimpse into an endlessly hopeful future.

* Winner of the 2022 Leonardo da Vinci World Award of Arts/Gale and Ira Drukier Dean of the Cornell University College of Architecture, Art, and Planning



HELENA OLIVEIRA SÁ *
MANUEL AMARO SANTOS ROSA *

A PRESSÃO DE SELEÇÃO DA RESPOSTA IMUNITÁRIA INDIVIDUAL: UM DOS ENSINAMENTOS DA PANDEMIA COVID-19

Enquanto serenamos com o significativo, embora heterogêneo, controlo geográfico de um dos últimos riscos existenciais da espécie humana no planeta — a pandemia COVID-19 —, deixando-nos a oportunidade de nos podermos focar noutros riscos remanescentes e igualmente importantes, onde se destaca o aquecimento global associado à poluição e destruição do ambiente, e às tristes e por demais evitáveis guerras humanas — do ponto de vista de análise fenomenológica, apraz sublinhar que a resposta individual ao vírus SARS-CoV-2 veio pôr a nu as enormes diferenças da resposta imunitária, consoante a base genética do indivíduo, bem como a continuidade no processo de seleção natural individual exercida por exposição a um agente viral da família dos *coronaviridae*. Na sua marcante publicação *O Método*, o centenário Edgar Morin referia, no volume «A vida sem vida» (pág. 146), que o dispositivo imunológico no ser humano é uma Afirmação de «Si», tal como o sistema nervoso e o cérebro permitem a superior competência do «Sentimento de Si», magistralmente caracterizadas por António Damásio n' *O Livro da Consciência* (2010). Afirma Morin que «O dispositivo imunológico, que aparece nos cordados (embora os combates antigénicos se travem sob outras formas, sem ser nos cordados) e se desenvolve nos animais superiores, constitui uma formidável maquinaria de autodefesa que produz os anticorpos destinados à rejeição, recorte, destruição, exterminação dos antigénios invasores. Para avaliar a amplitude desta organização de combate, basta pensar que um corpo humano dispõe de 10^{10} células nervosas, 10^{12} linfócitos (ou seja, cem vezes mais), os quais são capazes de produzir 10^{20} moléculas de anticorpos. Tal defesa comporta um aspeto identitário capital. Com efeito, a elucidação dos processos imunológicos fez emergir uma ideia que até então a biologia desconhecia: a ideia de si. O si, que surge da oposição imunológica ao «não si» (Grabar, 1947), constitui uma auto-afirmação de identidade individual, simultaneamente molecular e global, do organismo.» Essa identidade imunológica é molecular e determina o prognóstico vital do indivíduo que contrai uma infeção viral tal como a infeção pelo SARS-CoV-2. Polimorfismos ténues, outros

mais profundos, ditarão o desfecho duma infeção, cujo espectro da apresentação e evolução vão da total ausência de sintomas até à morte por compromisso respiratório ou sistémico severos. Moléculas «inteligentes» como os recetores celulares *Toll-like*, outras mais modestas como os polissacarídeos determinantes dos grupos sanguíneos, os complexos milhões de combinações de alelos HLA, os inúmeros recetores *KIRs* das células NK, as diferentes vias de sinalização para a produção de *clusters* de citocinas ativadoras e supressoras, tais como os interferões e seus recetores, determinarão uma resposta original e altamente singular de cada indivíduo após infeção pelo vírus SARS-Cov-2. Fatores como a idade, o sexo, as comorbilidades como a diabetes, a doença cardiovascular e a HTA são consensuais na suscetibilidade à doença, mas, além disso, o *make-up* genético imunológico de cada indivíduo é, sabe-se agora, determinante fundamental do prognóstico. Alguns desses polimorfismos moleculares poderão virar do avesso a previsibilidade face aos fatores de risco convencionais, sendo disso prova a descoberta de que um tipo específico de proteína TLR7 em indivíduos jovens do sexo masculino que, sem qualquer comorbilidade, acabaram por falecer após contraírem o vírus SARS-Cov-2 (Caspar I, 2020) bem como a proteção conferida pelo gene HLA-DQB1*06 (Mentzer A, 2022). E, através dessa seleção individual, a pressão de seleção por um agente viral continua a manifestar-se, tal como ao longo de milhões de anos da evolução dos humanos modernos. A instrumentação da programação imunológica molecular, ajustada à resposta protetora a este tipo de coronavírus ou a outros vírus patogénicos emergentes, através de terapêuticas imunomoduladoras — a também designada medicina de precisão —, poderá configurar-se como o sublime futuro da medicina, possível, porque fruto duma mente humana inteligente auxiliada fortemente pela tecnologia, capaz de controlar de forma inovadora a seleção natural individual.

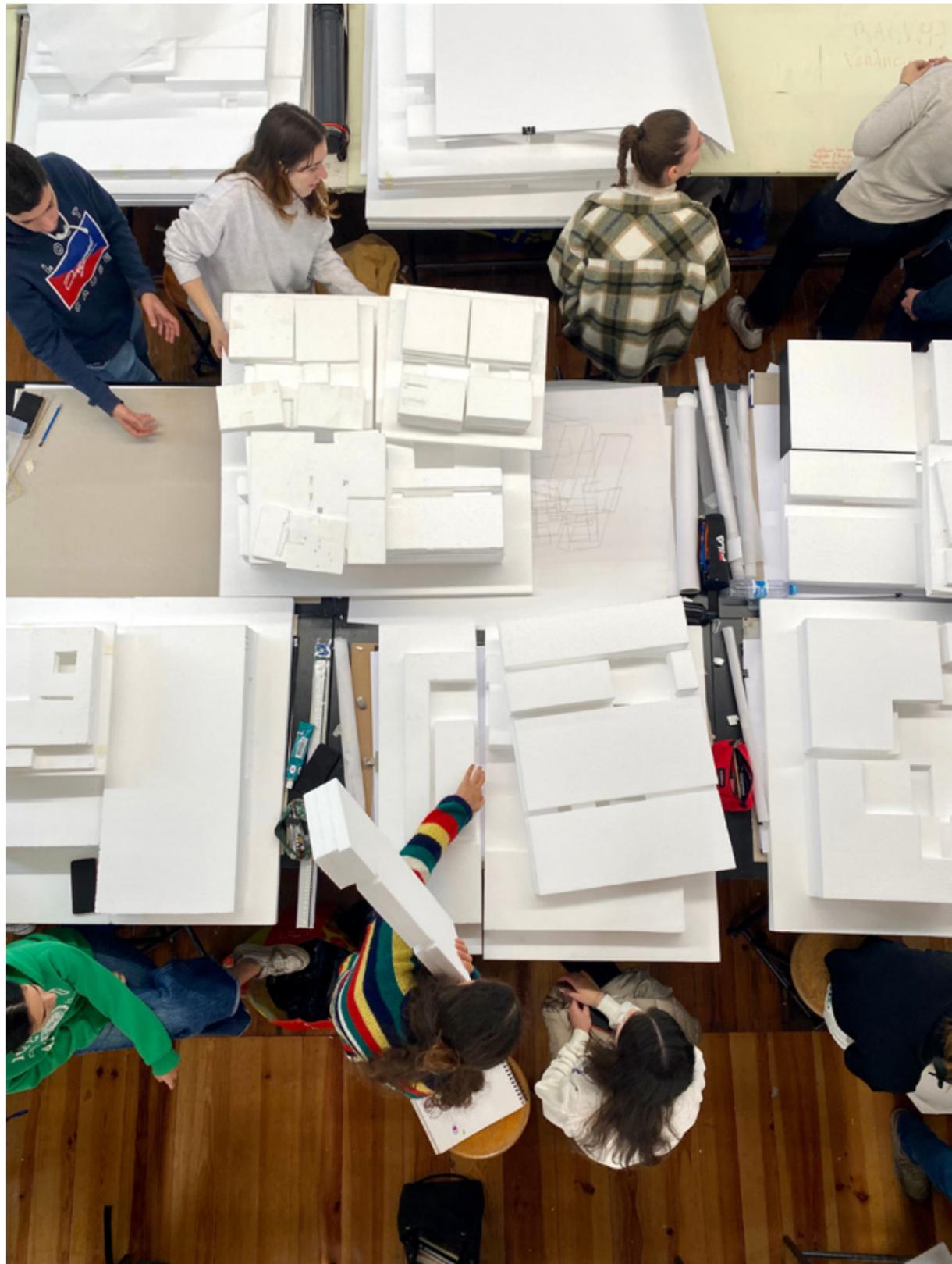
* Instituto de Imunologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra



«ReCreate» by Erik Stenberg, Helena Westerlind, José Hernández Vargas,
Círculos, Garagem Sul — Centro Cultural de Belém, 2022.

63

RI #57
OFICINA DOS SABERES
ÁGORA



ARQUITETURA NA UC: QUE HORIZONTE?

1. O convite que recebi para, neste número da *Rua Larga*, expor uma reflexão sobre o «lugar que há/haverá para as artes hoje — e no futuro» — na Universidade de Coimbra (UC) e, em particular, sobre a «transformação do Departamento de Arquitetura (DARQ) em Faculdade» constitui, por certo, um desafio maior, designadamente se for considerado numa perspetiva pessoal. Procurarei não o assumir. Deste modo, cuidar em poucas palavras do *horizonte* que a arquitetura poderá ter na missão da UC constitui *a priori* um desígnio coletivo, que obriga todos a analisar o «problema» no quadro dos seus saberes, bem como no dos «outros». O horizonte da UC há muito que não se circunscreve às tradicionais e históricas fronteiras do conhecimento. De acordo com o argumento da XXV Semana Cultural da UC, ao invés, uma «linha programática clara e a sua ponderação crítica» convoca «a mundividência ampla» de Jano, «romano deus pagão de olhar largo e generoso, virado para diante e para trás, capaz de analisar em profundidade os caminhos já percorridos e de nutrir generosamente as sendas da imaginação inventiva que desenha o futuro»¹. Em «A Lição das Constantes»², publicada em 1952, já Fernando Távora vislumbrava, na condição de *modernidade* da arquitetura, aquela natureza de Jano: o «ímpeto criador que alimenta o olhar pioneiro de quem sonha e desbrava novas linhas de atuação e novos Aléns»³. Por ser um «fenómeno necessário, inerente à própria natureza do homem, prolongamento indispensável da sua vida, manifestação da sua existência»,

cumpre-nos, aos arquitetos e arquitetas, pensar o «espaço organizado daqueles por quem e para quem se realiza», que sempre traduz o «esforço de colaboração»⁴ entre homens de épocas distintas. O construído e as suas memórias expressam, por isso, a «exactidão das relações entre a obra e a vida»⁵. A Arquitetura deve, pois, ser compreendida como uma prática disciplinar em permanente devir. Na arquitetura, o horizonte não se revela unicamente um cenário, mas antes, sobressai, segundo sublinhou Walter Rossa na comunicação apresentada numa das sessões das comemorações dos 250 anos da Faculdade de Ciências e Tecnologia, como «algo que se pretende ou simula pretender ver concretizado»⁶: um projeto que encerra práticas de análise e crítica próprias, em ligação direta com outras áreas disciplinares convergentes e equidistantes da Arquitetura.

2. Ao abrigo das vigentes Conclusões do Conselho [da União Europeia] sobre o Plano de Trabalho para a Cultura 2019-2022, a Arquitetura é distintivamente compreendida como uma área de conhecimento transversal e, enquanto tal, deve ser abraçada como uma «disciplina que envolve o equilíbrio certo entre os aspetos culturais, sociais, económicos, ambientais e técnicos para o bem comum»⁷. O horizonte

1 «XXV Semana Cultural da Universidade de Coimbra», Universidade de Coimbra, consultado em 7 de dezembro de 2022, www.uc.pt/semanacultural.

2 Fernando Távora, «Arquitetura e Urbanismo – A lição das constantes», *Lusitana*, novembro de 1952.

3 «XXV Semana Cultural da Universidade de Coimbra».

4 Távora, «Arquitetura e Urbanismo», 151-155.

5 Távora, «Arquitetura e Urbanismo», 153.

6 Walter Rossa, *Da Arquitetura da na UC* (comunicação realizada em 11 de novembro de 2022), «FCTUC 250 anos – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra», *Youtube*, vídeo, 1:08:34, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CFTB4DKnWe4>.

7 Conselho da União Europeia, «Conclusões do Conselho sobre o Plano de Trabalho para a Cultura 2019-2022», *Jornal Oficial da União Europeia* (21 de dezembro de 2018): C 460/17, consultado em 7 de dezembro de 2022, <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52018>



RL #57
OFICINA DOS SABERES
ÁGORA

67

próximo da arquitetura vê-se, por conseguinte, comprometido com diferentes desafios, como sejam: os efeitos das alterações climáticas, as sequelas sobrevindas da pandemia COVID-19, as migrações voluntárias ou forçadas de pessoas, a futura reconstrução da Ucrânia e outros dilemas que o mundo contemporâneo sempre nos coloca. No plano estratégico da UC em vigor, veem-se reproduzidas algumas destas preocupações. Em especial, é enumerado um conjunto de metas e ações que visam a observância direta dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável arrolados na Agenda 2030 das Nações Unidas, ainda que, de modo menos explícito, se lobriguem também neste plano alguns dos princípios do programa New European Bauhaus da União Europeia. Corroborando os objetivos do MIT Architecture, «Architecture has been complicit in many of the problems and decisions that have caused our climate crisis[:] It must play a central role in shared solutions as well.»⁸ Como destacou J. Meejin Yoon, sensivelmente à data desta reflexão, na cerimónia de entrega do prémio Leonardo da Vinci World Award of Arts do World Cultural Council, ocorrida na Antiga Sala do Rei, uma das mais «importantes lições que aprendemos, não só como cientistas, professores e artistas, mas como cidadãos, pessoas, é que o mundo cria desafios que não podem ser resolvidos apenas com puras soluções técnicas; os desafios do nosso tempo determinam uma resposta profundamente humana, que tem de nascer da criatividade, da imaginação e de ações coletivas»⁹. Conquanto as questões sejam distintas das de outrora, reivindicamos a mesma «modernidade

permanente»¹⁰ exposta por Fernando Távora há 70 anos. Desde o ano letivo de 1988-89 que, primeiro no edifício do Departamento de Matemática e, depois, no nosso Colégio das Artes, persistimos em partilhá-la com todos os alunos e alunas que têm passado pelo DARQ. Conhecedor profundo da realidade do ensino em Portugal e, igualmente, das condições experimentadas no DARQ, Alexandre Alves Costa, em recente entrevista ao jornal *Público*, não tem dúvidas de que o «verdadeiro projecto nacional de arquitectura é em Coimbra»¹¹.

3.

Revelado o papel do «novo» Jano no horizonte disciplinar, importa estimar o lugar da *Arquitetura na UC: que horizonte?*, espreitando as «Observações» que constam do Relatório Preliminar da Comissão de Avaliação Externa (CAE) da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) sobre o nosso ciclo de estudos MIA (Mestrado Integrado em Arquitetura), pode concluir-se que já em 3 de fevereiro de 2014 se avaliava a «reduzida autonomia científica»¹² do DARQ no seio da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC (FCTUC) como um assunto muito sensível. Para a CAE, a integração do DARQ nesta unidade orgânica associada às ciências e engenharias não só subjuga a «especificidade científica [da] área disciplinar da Arquitetura» às demais, como, inevitavelmente, a relega para uma «situação de isolamento», com «implicações negativas ao nível do aproveitamento de sinergias internas»¹³. Em consequência, recomendava-se que a UC cumprisse uma «reflexão prioritária»¹⁴ sobre esta questão. Malgrado as diligências promovidas pelas várias direções do DARQ, esta orientação nunca foi abraçada pela UC. Conscientes do lugar que a arquitetura deve ocupar no mundo, procurámos internamente consolidar e reforçar a missão que, enquanto extensão da UC, se acha instituída há sensivelmente 35 anos: «criação, análise crítica, transmissão e difusão de cultura, de ciência e de tecnologia que,

¹⁰ Távora, «Arquitectura e Urbanismo», 153.

¹¹ Alexandre Alves Costa, «Um *soixante-huitard* “em deriva” com o evoluir da História», Entrevista com Sérgio C. Andrade e Nelson Garrido, *Público*, 3 de dezembro de 2022, 44.

¹² Comissão de Avaliação Externa (CAE) da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES), «Relatório Preliminar da Comissão de Avaliação – Observações» (3 de fevereiro de 2014), 1.

¹³ Comissão de Avaliação Externa (CAE), «Relatório Preliminar da Comissão de Avaliação», 1.

¹⁴ Comissão de Avaliação Externa (CAE), «Relatório Preliminar da Comissão de Avaliação», 1.

através da investigação, do ensino e da prestação de serviços à comunidade, contribui para o desenvolvimento económico e social, para a defesa do ambiente, para a promoção da justiça social e da cidadania esclarecida e responsável e para a consolidação da soberania assente no conhecimento»¹⁵. Juntamente com a investigação produzida, o perfil formativo e as competências adquiridas pelos nossos estudantes são amplamente reconhecidos, sobretudo pelos empregadores. Este é um cenário que, segundo o referido *Relatório Preliminar*, «reflete a qualidade da formação ministrada e explica o reconhecimento» que o DARQ granjeia a «nível nacional, com repercussões na afirmação internacional»¹⁶.

4.

Queremos crer que o convite para a reflexão sobre a eventualidade de o DARQ se transformar em futura Faculdade é um forte indício de que a UC, perante o atual quadro de desafios globais, contempla a Arquitetura como um importante projeto no seu horizonte. Tão-só dessarte a UC poderá concorrer em pé de igualdade com as demais conceituadas instituições de ensino superior em Portugal e além-fronteiras. Se outro argumento não houvesse, diríamos que a conjuntura presente, no mínimo, devia obrigar a UC a um estudo de mercado, devidamente fundamentado, sobre a viabilidade e os prováveis benefícios advindos da concretização deste desígnio, ao encontro do que a Comissão Coordenadora da FCT já antevia na sua reunião de 23 de setembro de 1987, sobre a criação da licenciatura em Arquitetura nesta unidade orgânica: a instituição a «longo prazo» de uma «Faculdade de Arquitectura»¹⁷. Volvidas mais de três décadas, a comunidade do DARQ vive na expectativa de que o debate ora suscitado, primeiro, no seio da FCT e, de seguida, no Conselho Geral, conduza à criação de uma unidade orgânica com a autonomia académica, cultural, científica e pedagógica que, julga-se, lhe é devida. Se o memorando por nós endereçado ao reitor, com vista à criação de uma Faculdade de Arquitetura motivou, na reunião de 30 de março de 2022 do Conselho Científico da FCTUC, determinadas «divergências quanto à forma

sugerida no documento», em contrapartida originou algum «consenso quanto à autonomização»¹⁸ do DARQ. As reuniões subsequentes com a Comissão de Gestão e Governação e a Comissão de Ensino e de Investigação e Desenvolvimento do Conselho Geral, além de uma última com a Presidente deste órgão, em 23 de junho, 12 de julho e 31 de outubro deste ano, respetivamente, vieram reforçar a percepção de que a Arquitetura ocupa um lugar autónomo no quadro dos saberes da UC. Na sequência destes encontros, apresentámos, no contexto do processo de auscultação avançado pelo Conselho Geral, uma proposta de alteração dos Estatutos da UC vigentes, tendo em vista a criação de uma unidade orgânica. No DARQ, estamos seguros de que uma Faculdade de Arquitetura, revista nas suas diferentes valências, outorgará à UC uma nova dimensão «humanística, filosófica, científica, cultural, tecnológica, artística e cívica»¹⁹. E, de igual forma, estamos conscientes de que este projeto apenas será satisfeito caso venha a ser abraçado no horizonte (próximo) das prioridades da UC. Parafraseando o reitor da UC, esperamos também que no horizonte do edifício do Colégio das Artes se vislumbre «instalada uma faculdade que aloje a Arquitetura»²⁰.

* Diretor do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

XG1221(01)&from=ES

⁸ «Welcome», MIT Architecture, consultado em 7 de dezembro de 2022, <https://architecture.mit.edu/about>.

⁹ J. Meejin Yoon, comunicação realizada em 30 de novembro de 2022, «37th WCC Award Ceremony University of Coimbra», *Youtube*, vídeo, 1:33:27, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=VpzH_p-H_M8. Tradução livre do autor.

¹⁸ Conselho Científico da Faculdade de Ciências e Tecnologia, «Ata n.º 5/2022», 30 de março, 3.

¹⁹ Cf. alínea a) do artigo 5.º dos *Estatutos da Universidade de Coimbra (Diário da República*, 2.ª série, n.º 55, de 19 de março de 2019).

²⁰ Amílcar Falcão, «Faculdade de Arquitetura é uma “inevitabilidade”», Entrevista com Patrícia Cruz Almeida, *As Beiras*, 2 de março de 2022, 5.

¹⁵ Cf. ponto n.º 1 do artigo 2.º dos *Estatutos da Universidade de Coimbra (Diário da República*, 2.ª série, n.º 55, de 19 de março de 2019).

¹⁶ Comissão de Avaliação Externa (CAE), «Relatório Preliminar da Comissão de Avaliação», 1.

¹⁷ Comissão Coordenadora da Faculdade de Ciências e Tecnologia, «Acta da reunião de 23 de setembro de 1987», 10.

NO HORIZONTE DO COLÉGIO DAS ARTES



Isaura Pena
Ver Lonjuras
Vitor Garcia, 2015

ANTÔNIO OLAIO *

«Ver Lonjuras» é uma peça da artista brasileira Isaura Pena para a exposição *Homeless MonaLisa*, de 2015.

Uma Mona Lisa *homeless*, que era o ar que ali respirávamos, o espaço negativo que as peças da exposição geravam...

Na inquietação da possibilidade de a arte ter ou não ter lugar, este «Ver Lonjuras» apontava a possibilidade de ter horizonte, de ver o horizonte, ou mesmo de ir além dele. Para a Isaura, ainda doutoranda do Colégio das Artes, era também a saudade do Brasil.

«Ver Lonjuras» implica a possibilidade de, vendo, estar além; mas também a melancolia de quem olha para trás ao mesmo tempo que olha para a frente, um horizonte que coexiste no passado e no futuro.

No processo de criação desta Unidade Orgânica da Universidade de Coimbra (UC), logo se encontrou o nome Colégio das Artes, em 2006, apropriando-se do nome do edifício cuja origem remete para outras artes, para outros tempos em que a palavra arte coincidia com a ideia de conhecimento. Temos consciência de que a centralidade da arte está na sua periferia, lugar-charneira da relação da arte com os diferentes saberes, interpelada por eles e que os interpela, nesta Universidade onde, desde a sua fundação, muitas contemporaneidades se sucederam. Onde, agora, artistas, curadores e críticos de arte encontram um espaço de relação único de investigação e experiência estética.

Vendo lonjuras, no Colégio das Artes entendemos que é a ação presente que nos projeta no futuro e nos enraíza nos passados que vivemos e nos que não vivemos, mas herdámos. Porque é a arte que nos move.

Nos espaços expositivos, como laboratório para novas e antigas experiências estéticas, na investigação em arte e na sua produção, nas edições, na arte que, o sendo, experimenta abrir-se a novos espaços.

Que forma terá o horizonte do Colégio das Artes? Podemos responder que os horizontes não têm forma. Pela representação da perspectiva, talvez pudéssemos dizer que seria uma linha — a linha do horizonte. Mas sendo essa linha do horizonte, o horizonte não é propriedade de uma linha.

O horizonte a que a linha do horizonte pertence não se limitará a uma representação gráfica que não o reproduz, mesmo que o evoque.

O horizonte nem é horizontal. O horizonte tem a plasticidade das coisas que estão por ser, mas que, paradoxalmente, é no presente que se experimentam. E temos horizonte, temos mais horizonte que horizontes, porque o plural pouca a ideia de horizonte.

No campo de possibilidades que cada obra de arte instaura, por si mesma e no jogo com as outras obras de arte e com todas as coisas, o horizonte é um devir simultaneamente vago e uno.

Mas uma coisa é certa: sendo este colégio um Colégio das Artes, só na arte poderá estar o seu horizonte, sendo simultaneamente causa e devir.

Este Colégio das Artes foi uma invenção genial desta Universidade. Mais um lugar de respiração do espaço académico que, ao sê-lo, se afirma na relação com o mundo. Aqui, com o mundo da arte, um mundo que se confunde com o próprio mundo, ao perturbar as conceções de mundo para o poder viver.

Se o nosso mundo é a Terra, este horizonte será curvo como a sua superfície. Mas a própria superfície da Terra é irregular e podemos ver além dela.

Mas o nosso mundo também é outro. Porque somos deste mundo ao mesmo tempo que não somos. Porque reivindicamos o direito a estranhá-lo, a estar aqui e noutro lado. Porque o podemos imaginar. E porque, sobretudo tratando-se de arte, temos horizonte, estando no horizonte. Estamos nos lugares que a nossa percepção alcança, mas, mais do que isso, de que há coisas que não dependem de as conhecermos para serem, intuindo um espaço onde nem o espaço da subjetividade chega.

O Colégio das Artes tem a plasticidade que todas as coisas têm de serem sempre outras, como as medas de feno do Monet a diferentes horas do dia.

Está no horizonte do Colégio das Artes continuar a sê-lo, no direito à arte há muito conquistado e no orgulho da pertença a esta Universidade que assim se continua a abrir à plasticidade do pensamento.

* Diretor do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra





LUÍSA TRINDADE *
ALFREDO DIAS **
DELFIN LEÃO ***

10@UC.ALTAESOFIA

2023 é o ano em que se comemoram os dez anos de inscrição pela UNESCO da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia na sua Lista do Património Mundial (World Heritage List). Assinalar esse facto, com consciência plena da responsabilidade e compromisso que implica, é o mote para associar à vertente celebrativa do tempo presente um período de reflexão profunda, necessariamente tão retrospectiva quanto prospectiva. Em suma, fazer um balanço do que desde então se alcançou dos objetivos inicialmente estabelecidos, e definir o que, enquanto Academia e Cidade, nos propomos atingir nos próximos dez anos, identificando objetivos diferentes ou recentrando os originais, em função das profundas transformações ocorridas e dos novos desafios subsequentes.

Ainda sem programa fechado, o que resulta da natureza do próprio processo (dinâmico e em articulação com muitas outras entidades e atores), estão já assumidos os valores que norteiam o pensamento e a ação no âmbito do património cultural: conhecimento, salvaguarda e abertura à comunidade, aqui entendida no seu espectro mais alargado e plural. A partir deles, importa sobretudo que as comemorações sejam já o apontar de direções ou, idealmente, o embrião estratégico de ações que se pretendem concretizar no futuro, ultrapassando a dimensão efémera que qualquer celebração inclui, mas em que não deve esgotar-se. Temerariamente, é como se em vez de apenas se comemorar o passado, se queira também celebrar o futuro.

Por isso, paralelamente a momentos assinalados de forma especial — em março, no âmbito da Semana Cultural; em junho, coincidindo com a data de inscrição; em setembro, na abertura do ano letivo; ou, finalmente, em novembro, por ocasião do IV Encontro Nacional Universidade e Cultura, promovido pela Universidade de Coimbra (UC) em articulação com

o Conselho de Reitores —, decorrerá, de forma discreta, um conjunto de ações estruturantes cujos primeiros resultados virão a público até ao final do ano. Neste sentido, em simultâneo com o *Relatório Periódico* sobre o estado do bem exigido pela UNESCO, e indispensável para um ponto da situação exaustivo, está a decorrer um amplo processo de auscultação a personalidades internas e externas, com responsabilidades, intervenção no processo, ou reflexão feita, procedentes das mais diversas áreas do saber, e que, em conjunto, ajudam a desenhar as linhas orientadoras do novo Plano de Gestão.

Um momento alto desta reflexão terá lugar no colóquio que se realizará nos dias 21 e 22 de junho, com a participação de especialistas de renome internacional, da comunidade académica e do público — ou melhor, da cidade. Em torno da gestão e salvaguarda de bens inscritos na WHL e de cidades e conjuntos urbanos com valor patrimonial, reunirão também grupos de trabalho, como o ICOMOS International Committee on Historic Cities, Towns and Villages (CIVVIH) e a Rede do Património Mundial de Portugal.

Com o mesmo objetivo de conhecer para atuar, aposta-se na promoção da investigação sobre o(s) património(s) UC, já amplamente produzida na própria instituição, embora nem sempre identificada, organizada e, assim, tornada acessível, aspetos essenciais para que se constitua em base de atuação. Noutros tantos setores, é urgente atualizar o conhecimento, produzi-lo onde não existe, tornando o património cultural objeto central da investigação na UC, capitalizando-o em contexto académico pelo envolvimento de jovens investigadores. Neste âmbito, está em curso a construção de uma base de dados cujo objetivo é reunir e disponibilizar a totalidade dos trabalhos que em todas as áreas vêm sendo produzidos, ao mesmo tempo que uma equipa especializada, dotada de meios



e práticas rigorosas e atualizadas, iniciou a realização do inventário exaustivo do património móvel. Composta por docentes e estudantes de pós-graduação da UC, será ampliada e diversificada em função das etapas em curso e da natureza dos bens a inventariar. Em ambos os casos, falamos de ferramentas indispensáveis à gestão, proteção e conservação do património cultural da UC, o que de novo remete para os conceitos-chave e, em concreto, para a questão da salvaguarda. No âmbito das comemorações, a dimensão da salvaguarda do património edificado é abordada em três registos distintos: obra feita ou em curso, no Paço das Escolas, quer através da exposição do seu registo fotográfico, ele próprio memória para o futuro, quer por via da abertura do estaleiro ao público; obra a iniciar proximamente, com a apresentação pública do projeto do edifício do Colégio das Artes, pensado e desenvolvido no Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC; obra em definição, incidindo, neste caso, sobre os Jardins da Associação Académica, abrindo amplamente o debate e integrando o testemunho de quem os conheceu na origem, de quem os tem investigado e, claro, de quem os vive e/ou gere no presente. Em pano de fundo a este conjunto de ações, elabora-se o Plano de Avaliação de Riscos, instrumento estratégico que não só permite priorizar como, sobretudo, apostar, a médio prazo, nos benefícios de uma cultura de conservação preventiva.

A par da materialidade física, outros patrimónios serão igualmente contemplados, com destaque para a música e a memória de vivências e espaços: o Fado e a Canção de Coimbra, por um lado, conciliando, também aqui, a dimensão de fruição estético-performativa, de momentos dispersos até um grande concerto, com a investigativa em contexto e questionamento científico alargado, a cargo do Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20); o testemunho dos Salatinas, por outro, incidindo tanto no momento em que foram compulsivamente desalojados, como depois, na tentativa de sobrevivência de uma memória ameaçada. Oito décadas passadas, urge honrar o seu percurso, divulgando simultaneamente o que nesse sentido tem sido feito.

Se conhecer e salvaguardar são pilares básicos da ação e cultura patrimonial, a sua verdadeira missão só se cumpre quando atingida a plena acessibilidade e fruição. A propósito, importa sublinhar como a inscrição na Lista do Património Mundial, e o reconhecimento que tal implica, excede em muito as dinâmicas do turismo a que, tendencialmente, de imediato se associam. Neste âmbito, aliás, as vantagens não são isentas de prejuízos decorrentes, desde logo, do processo de massificação, da pressão exercida sobre núcleos

específicos, ou da complexidade acrescida na gestão de um bem duplamente ativo, monumento histórico artístico visitável, ao mesmo tempo que universidade, no desempenho pleno das suas funções de ensino e investigação. Esta é, aliás, matéria central na reflexão em curso, que obriga a questionar práticas e a tomar opções, nem sempre fáceis de concertar.

Tornar o património cultural da UC acessível a todos implica reconhecer as diferentes comunidades envolvidas ou a envolver: a Alta, onde diretamente se inscreve e com cuja população e diferentes entidades e instituições partilha e disputa espaços e vivências; a Baixa, por onde se prolonga e com que estruturalmente se (des)articula; a Cidade no seu todo, que em grande parte representa, mas em muito a excede; a Região, com a qual importa consolidar estratégias conjuntas, ou, no mais amplo dos espectros, os países a que histórica e culturalmente se encontra ligada, ou todos aqueles que, por via da institucionalização da mobilidade estudantil, cada vez mais a moldam com um perfil internacional.

Embora com objetivos a médio e longo prazo, a inclusão de comunidades diversas terá nas comemorações alguns primeiros ensaios, desenhando-se visitas à medida, num processo que começa, positivamente, por aquelas em que a proximidade física não corresponde a um envolvimento real, caso dos utentes do Centro de Dia 25 de Abril ou dos alunos da Escola Básica do 1.º Ciclo da Almedina. É, porém, na própria UC que a estratégia de proximidade ganha maior sentido ao incidir o foco sobre a comunidade académica, fazendo da abertura do próximo ano letivo um potencial momento de viragem, revertendo o visível défice de cultura patrimonial. Beneficiando da requalificação recente do edificado do Paço das Escolas, pretende-se imergir a vivência da comunidade estudantil, em particular dos recém-chegados, na matriz patrimonial da UC, estimulando desde o primeiro momento a familiaridade, o reconhecimento e a identificação. O que, em última análise, só se conseguirá através de uma maior legibilidade, constituindo o saber a base necessária à interpretação. Em síntese, fecha-se o ciclo e voltamos ao Conhecimento, afinal, a primeira das missões da UC.

* Faculdade de Letras e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Núcleo Cidades, Culturas e Arquitetura)

** Vice-reitor da Universidade de Coimbra para o Património, o Edificado e as Infraestruturas

*** Vice-reitor da Universidade de Coimbra para a Cultura e Ciência Aberta

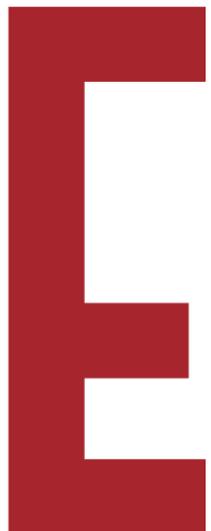




PATRÍCIA VIEIRA *

PLANTAS E
ANIMAIS NA
LITERATURA,
NO CINEMA
E NAS
ARTES DA
AMAZÔNIA





Em janeiro de 2022, teve início o projeto ECO — Plantas e Animais em Produções Culturais sobre a Bacia Amazônica. Financiado pelo Conselho Europeu de Investigação e desenvolvido no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES), o ECO investiga a forma como diferentes produções culturais sobre a Amazônia dão voz a animais e plantas e revelam a interdependência entre humanos e não humanos. O projeto parte de pesquisas contemporâneas sobre as humanidades ambientais e do pensamento

amazônico para analisar textos, filmes e obras de arte que retratam a fauna e a flora da região. A investigação visa reformular conceitos teóricos e ferramentas metodológicas das humanidades ambientais, adaptando-as ao contexto amazônico, ao mesmo tempo que procura analisar de que forma o estudo das cosmologias indígenas, ribeirinhas e camponesas da Amazônia pode contribuir para novos modos de encarar a relação entre seres não humanos e humanos, além de modelos extrativistas.

Para diversas comunidades amazônicas, animais e plantas são entidades dotadas de agência e pontos de vista que resultam em mundos diversos, não redutíveis a uma mesma realidade natural estável e homogênea. Neste cenário, animais e plantas, bem como uma miríade de outros seres não humanos, têm vida social, atuam e moldam o seu ambiente, o que se expressa em produções culturais. Textos, filmes e obras de arte sobre a Amazônia são o resultado de uma socialidade entrelaçada e complexa que reúne não humanos e humanos em processos de aprendizagem mútua. O ECO aborda a questão das múltiplas formas de expressão daqueles que tradicionalmente têm sido silenciados — povos indígenas e quilombolas, por exemplo —, estendendo este tema à vida não humana. Compreender que os não humanos não são um mero pano de fundo passivo que os humanos podem livremente moldar e adaptar aos seus interesses, assim como tomar consciência da inscrição não humana nas produções culturais de distintas comunidades, são primeiros passos para uma reavaliação de posturas éticas e políticas em relação aos animais e às plantas.

O projeto conta com uma equipa interdisciplinar de cinco investigadoras/es das áreas de Estudos Literários e de Cinema, Antropologia, História, Sociologia e Filosofia. Em conjunto, estas/es investigadoras/es irão formular

um enquadramento teórico que permita analisar obras de arte amazônicas como colaborações entre seres não humanos e humanos. Para este efeito, estão a desenvolver o conceito de zoofitografia, que descreve a inscrição de seres não humanos em diferentes culturas, descentralizando assim a humanidade como a única fonte de produção de sentido. Além do núcleo central de pesquisadoras/es ECO, o projeto conta ainda com um comité de acompanhamento composto por investigadoras/es destacadas/os na área dos estudos amazônicos, assim como com um conjunto de investigadoras/es afiliadas/os, que abrangem os mais variados campos do conhecimento e das artes, da Poesia ao Cinema e da Arqueologia à Medicina Indígena.

O projeto visa ter um impacto positivo em três áreas principais: investigação, formação de investigadoras/es e disseminação do conhecimento sobre a Amazônia. No que diz respeito à investigação, o ECO contribui para a pesquisa no campo das humanidades ambientais, aportando distintas perspetivas amazônicas sobre esta área. O projeto amplia o escopo dos estudos existentes sobre a expressão de animais e plantas amazônicos, geralmente restritos a géneros, línguas ou períodos de tempo específicos, e cria uma compreensão mais profunda de como as conceções dos não humanos amazônicos se transformaram a partir do início do século XX. O ECO procura também formar jovens investigadoras/es através de pesquisas de doutoramento em humanidades ambientais e da organização de cursos de formação avançada. Conferências, colóquios e outros eventos organizados pelo projeto destinam-se a um público mais amplo, de modo a promover outras perspetivas sobre as culturas, práticas de conhecimento e modos de existir amazônicos, nos quais os seres não humanos desempenham um papel fundamental. O projeto contribui ainda para o debate público sobre questões ambientais urgentes como a mudança climática, a degradação da biosfera e a extinção generalizada de espécies no Antropoceno.

No sentido de disseminar a reflexão sobre o tema do projeto junto da comunidade académica e do público em geral, o ECO organizou vários eventos ao longo de 2022. No colóquio «Rios da Amazônia: Afluentes Poéticos e Modernidades Contestadas», que teve lugar no CES, em maio, investigadoras/es da área da Literatura reuniram-se para considerar o papel dos rios amazônicos nas comunidades indígenas e ribeirinhas da região, que deles se alimentam e que neles viajam e efetuam trocas comerciais. O imaginário

destas comunidades é determinado pelo seu contacto próximo com os rios, que são frequentemente equiparados a cobras gigantes, consideradas fonte de vida nas cosmologias locais. Ao mesmo tempo, os rios, hoje utilizados como vias de comunicação e transporte ou para a construção de centrais hidroeléctricas, representam um elemento-chave nos projetos de desenvolvimento e inserção da Amazônia nos mercados internacionais. O colóquio analisou a relevância destes processos de modernização nos sistemas fluviais amazónicos e as implicações que a actual gestão e apropriação destes territórios aquáticos está a ter na vida das comunidades indígenas e ribeirinhas da região.

Em junho, o projeto organizou «EcoImagens: Festival de Cinema Indígena da Amazônia» na Casa do Cinema de Coimbra e na Cinemateca de Lisboa. O festival apresentou uma seleção de cinema indígena sobre a Amazônia, concentrado no vínculo dos povos da região com a sua terra, em diálogo com produções indígenas do resto do Brasil. As/os cineastas representadas/os neste festival, incluindo o realizador Kamikiá Kisedjê, do povo amazónico Kisedjê, que esteve presente em pessoa, e a realizadora Graciela Guarani, que participou remotamente, utilizam o cinema para documentar as suas vidas e para nos apresentarem a sua perspetiva sobre a sua terra. Em contraste com a representação da América do Sul e da sua população indígena como objetos do olhar ocidental, durante séculos, estes filmes trazem-nos uma visão enraizada no local. As/os realizadoras/es respondem ao desafio de usar a imagem cinematográfica não como forma de objetificação, mas como um convite para vermos o seu mundo com outros olhos. Através destes filmes, sentimos a Amazônia e o Brasil como lugares onde pessoas, animais e plantas convivem há milénios e onde lutam por continuar a coexistir neste mundo ameaçado pela destruição ambiental.

Em outubro de 2022, o projeto ECO organizou ainda o congresso «Humanidade Vegetais na Amazônia». Neste evento, pesquisadoras/es refletiram sobre o conceito de «Humanidades Vegetais» a partir de uma perspetiva interdisciplinar e no contexto mais alargado do crescimento exponencial das Humanidades Ambientais na última década. A Amazônia, uma região conhecida pela sua sociobiodiversidade, e na qual as plantas têm um papel fulcral na cosmovisão de povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos, constituiu o ponto de partida para uma reflexão multiespecífica sobre as plantas.

Procurámos estabelecer um diálogo com a ontologia relacional dos povos amazónicos, para os quais muitas plantas são seres que, tal como os humanos, têm as suas perspetivas específicas. Como se configuram as interações entre plantas, seres humanos e outras entidades na bacia amazónica? Quais as contribuições do pensamento amazónico para as Humanidades Ambientais? Que imagens (alternativas) de humanidade revelam as plantas? Estas foram algumas das perguntas que serviram de mote ao congresso.

Para 2023, o projeto tem já planeada uma série de seminários online, abertos ao público, sobre diversos aspetos da Amazônia e das suas comunidades não humanas e humanas, uma discussão particularmente relevante num momento de transição política no Brasil, o país onde se encontra cerca de 60% da floresta. Está ainda planeada a organização de um congresso subordinado ao tema «Futurismos Amazónicos: Imaginários Além do Humano» em Lima, no Peru, onde se pensará a noção de futuro a partir de distintas abordagens teóricas e metodológicas que tomam a Amazônia e os seus habitantes não humanos e humanos como contexto político-especulativo central. Se a crise ambiental pode ser entendida como crise das referências do imaginário do Ocidente — das suas instituições, referências filosóficas, ideais políticos, etc. —, enfrentar o Antropoceno, bem como os riscos que impõe às condições de habitabilidade do planeta, requer formular outras ferramentas conceituais. Neste congresso, abordaremos práticas de conhecimento e filosofias indígenas, produzidas a partir de diferentes regiões da Amazônia, que se constituem como imprescindíveis para forjar caminhos possíveis para um futuro comum.

Estes eventos, assim como comunicações em congressos, publicações académicas, de livros, ensaios e artigos de opinião, ou entrevistas e outros materiais audiovisuais disponíveis na página do projeto, visam estimular o debate académico e público sobre a Amazônia. Num momento em que a região e os seus povos estão cada vez mais ameaçados pela desflorestação associada a indústrias extrativistas como mineração, exploração de petróleo ou o agronegócio, que consideram a biosfera como um mero recurso ao serviço da humanidade, o projeto pretende destacar outras visões, não imperialistas, sobre os animais e plantas da região, chamando a atenção para formas de coexistência dos seres humanos com os não humanos num planeta partilhado de forma igualitária.

Isto não estava aqui, este móvel onde acabo de bater com a perna. Já sinto uma nuvem roxa a desenhá-la na carne, interrompida e súbito a velocidade que só torna as colisões mais violentas. Detenho-me no escuro, a apreciar os contornos do obstáculo, um cadeirão de madeira sem partes almofadadas, ar impecável, uma resistência que já não se usa.

NUVENS ROXAS

CARINA FONSECA *

Na verdade, reconheço-o, só não contava encontrá-lo no meio de um caminho que percorro de luzes apagadas (cada objeto decorado pelo corpo, que avança sem hesitar). Por vezes, mudamos as coisas de sítio sem nos apercebermos, ou outros mudam. É preciso contar com isso, penso, enquanto acomodo a dor. Vai passar. Agora, há que iluminar a casa, consertar todos os candeeiros e desistir de andar com os olhos fechados.

RL #57
AO LARGO
CRIAÇÃO LITERÁRIA

89

* Estudou Jornalismo na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a sua cidade natal, onde trabalhou como jornalista durante mais de uma década, sobretudo nas secções de local e cultura. Escreveu para o *Jornal de Notícias* e outras publicações da mesma família. Há cinco anos, mudou-se para o Porto para se dedicar à *Evasões*, revista de lazer e viagens que dá a conhecer Portugal da aldeia mais recôndita ao restaurante com estrelas Michelin.



RL #57
LUGAR DOS LIVROS



Atribuição do Prémio Joaquim de Carvalho à obra *Walking & Cycling.* *Uma Nova Geografia do Turismo*

Na sua 13.^a edição, o Prémio Joaquim de Carvalho foi atribuído à obra *Walking & Cycling. Uma Nova Geografia do Turismo*, da autoria de Paulo Carvalho. Trata-se de um manual pedagógico que se debruça sobre um tema moderno e atual, conciliando preocupações como a saúde, o turismo, o lazer e o desenvolvimento local e regional.

A obra destina-se prioritariamente a estudantes do ensino superior, mas também a um público mais alargado como técnicos e gestores de turismo, e praticantes das modalidades de ciclismo, pedestrianismo e BTT. Neste livro, o autor dá a conhecer os percursos existentes em Portugal, e chama à atenção para as potencialidades que as modalidades analisadas oferecem no que diz respeito ao desenvolvimento turístico.

Escrita numa linguagem acessível e agradável, nela encontramos a tipologia dos diversos percursos, a listagem dos numerosos passadiços e ciclovias existentes em Portugal, e a sua repartição espacial no continente, conjunto de aspetos que conferem a esta obra uma vasta dimensão pedagógica, didática e informativa.

Paulo Carvalho, autor da obra vencedora, é professor associado do Departamento de Geografia e Turismo (DGT) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC), Investigador Integrado do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT) das Universidades de Coimbra e Porto, bem como membro de diversas organizações científicas nacionais e internacionais. No DGT, é membro da Comissão Científica e coordenador do Mestrado em Turismo, Território e Patrimónios. Em três décadas de ligação à UC, tem participado com regularidade em reuniões científicas nacionais e internacionais. É autor (ou coautor) de duas centenas e meia de publicações científicas, com ênfase nos temas património cultural, ordenamento do território, desenvolvimento rural, ambientes de montanha, lazer e turismo, tendo também orientado dezenas de dissertações/teses e estágios profissionalizantes.

Hoje, desenvolve investigação centrada na Geografia do Turismo, com especial atenção para as áreas protegidas, os percursos pedestres e/ou cicláveis, e o turismo ferroviário.



Karine Panniza

ALEXANDRE DIAS PEREIRA *

A IUC no programa **ASAS de LEITURA**

A Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC) foi instituída pela Reforma Pombalina, de modo a dotar a UC de uma Oficina Tipográfica. Durante cerca de século e meio, a Imprensa publicou boa parte do acervo fundamental da ciência em língua portuguesa — tanto livros como revistas nos vários domínios do saber. Encerrada em 1934, renasceria, qual *phoenix*, cerca de meio século depois através dos novos *Estatutos da Universidade*, afirmando-se então como «a maior e a mais inovadora das editoras académicas lusófonas», nas palavras do vice-reitor Delfim Leão.

No âmbito das comemorações dos 250 anos da Reforma Pombalina, a IUC promove o programa de disseminação científica denominado *ASAS de LEITURA*, com a oferta de cinco mil volumes publicados pela Imprensa às bibliotecas integradas na Rede Nacional de Bibliotecas Escolares.

Ao oferecer um número significativo dos seus títulos, escolhidos pela Rede Nacional de Bibliotecas Escolares (RNBE), às bibliotecas escolares de todo o país, esta mostra ser uma iniciativa de grande impacto, promovendo o gosto pelo livro, os hábitos de leitura e a cultura científica. Com este programa, cumpre-se o objetivo de dotar as Bibliotecas Escolares de todo o país de um acervo de obras dirigidas, sobretudo, às comunidades educativas do ensino básico e secundário. O melhor que a IUC pode fazer para comemorar os 250 anos é partilhar o fruto do seu trabalho com as bibliotecas das escolas e com os seus alunos e futuros alunos. Acreditamos que é um contributo que vem demonstrar que a Universidade não está virada para dentro e reforça o grande papel e grande responsabilidade da IUC para o futuro.

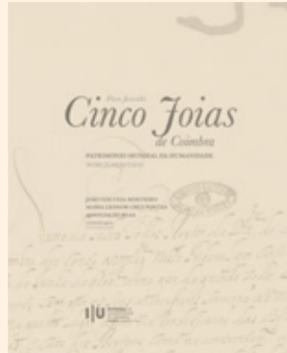
Realizaram-se vários eventos presenciais que formalizaram esta iniciativa, com uma primeira cerimónia no dia 7 de março de 2022, na sessão de abertura oficial da Semana da Leitura de Alcobaça, tendo sido assinado o acordo de cooperação entre a UC, a RNBE e a Câmara Municipal de Alcobaça.

No dia 8 de abril de 2022, teve lugar no auditório da Escola Secundária D. Duarte, em Coimbra, uma cerimónia de entrega das obras aos Agrupamentos das Escolas de Coimbra, estando previstas cerimónias idênticas em agrupamentos de escolas de outras regiões do país, nomeadamente na Escola Secundária Rainha D. Leonor, em Lisboa.

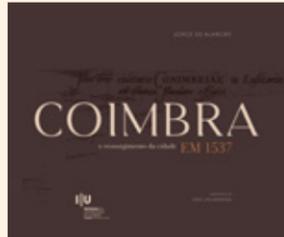
Os 250 anos da Imprensa, se por um lado permitem ver no passado uma história de grande impacto na produção científica em Portugal, por outro são inspiradores para outros tantos anos de edições ao serviço da leitura e da cultura científica e pedagógica!

* Diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra

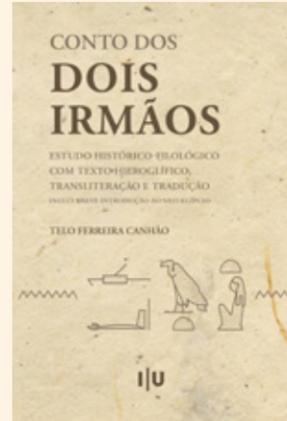
DESTAQUES



Cinco Joias de Coimbra: Património Mundial da Humanidade
João Gouveia Monteiro,
Maria Leonor Cruz Pontes
978-989-26-2301-6
10.14195/978-989-26-2302-3



COIMBRA, o ressurgimento da Cidade em 1537
Jorge de Alarcão
978-989-26-2264-4
10.14195/978-989-26-2265-1



Conto dos Dois Irmãos: Estudo Histórico-Filológico com Texto Hieroglífico, Transliteração e Tradução
Telo Canhão
978-989-26-2317-7
10.14195/978-989-26-2318-4



Estudar sem Melancolia: Reflexões Teóricas e Aplicadas nos Bastidores do Sistema Literário
Elias José Torres Feijó
978-989-26-2321-4
10.14195/978-989-26-2322-1



Miscelânea de Estudos em Honra de Maria de Fátima Sousa e Silva — Volume I
Frederico Lourenço, Susana da Hora Marques Pereira
978-989-26-2144-9
10.14195/978-989-26-2400-6



ANTOLOGIA. Francofonias em Diálogo: Dos anos 80 à atualidade
Cristina Robalo Cordeiro
978-989-26-2232-3
10.14195/978-989-26-2233-0



A Democracia Ateniense em Guerra
David M. Pritchard
978-989-26-2178-4
10.14195/978-989-26-2179-1



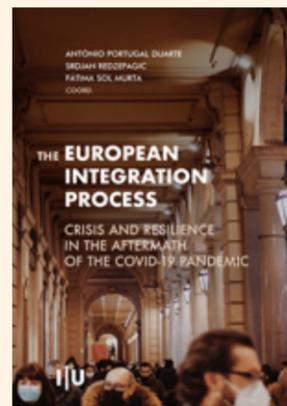
Pausânias. Descrição da Grécia. Livro III
Maria de Fátima Silva
978-989-26-2381-8
10.14195/978-989-26-2382-5



Temas, Contextos e Desafios da Investigação Qualitativa em Educação
Cristina C. Vieira
978-989-26-2234-7
10.14195/978-989-26-2235-4



Imagologia e Mobilidade — Movidas e Migrações Figuradas
Maria João Simões
978-989-26-2377-1
10.14195/978-989-26-2378-8



The European Integration Process: Crisis and Resilience in the Aftermath of the Covid-19 Pandemic
António Portugal Duarte, Srdjan Redzepagic, Fátima Sol Murta
978-989-26-2363-4
10.14195/978-989-26-2364-1



Miscelânea de Estudos em Honra de Maria de Fátima Sousa e Silva — Volume II
Frederico Lourenço, Susana da Hora Marques Pereira
978-989-26-2399-3
10.14195/978-989-26-2145-6



22 Contos Escolhidos
José Viale Moutinho
978-989-26-2243-9
10.14195/978-989-26-2244-6



Impressões sobre a Música Portuguesa e outros Temas (II)
José Eduardo Martins
978-989-26-2323-8
10.14195/978-989-26-2324-5



Espaços Vetoriais (Reais): uma Primeira Abordagem Dirigida a Estudantes de Economia e Gestão
Teresa Pedroso de Lima, Cecília Costa
978-989-26-2260-6
10.14195/978-989-26-2261-3



Redes Científicas da Universidade de Coimbra no Iluminismo
Carlota Simões, Ana Cristina Araújo, Pedro Casaleiro
978-989-26-2262-0
10.14195/978-989-26-2263-7

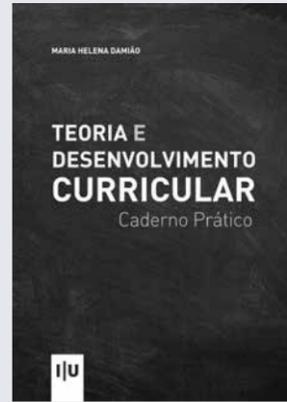
DESTAQUES



António Jorge Andrade de Gouveia. Um Pedaco de Química Portuguesa
Sebastião J. Formosinho,
Hugh D. Burrows
978-989-26-1807-4
10.14195/978-989-26-1808-1



Advances in Forest Fire Research 2022
Domingos Xavier Viegas,
Luís Mário Ribeiro
978-989-26-2297-2
10.14195/978-989-26-2298-9



Teoria e Desenvolvimento Curricular: Caderno Prático
Maria Helena Damião
978-989-26-2245-3
10.14195/978-989-26-2246-0



Valete Vos Viatores: Travelling through Latin Inscriptions across the Roman Empire
Javier Andreu Pintado,
Armando Redentor, Elena
Alguacil Villanúa
978-989-26-2335-1
10.14195/978-989-26-2336-8



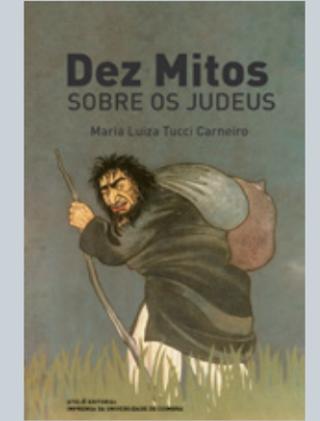
Traces on The Sea: Portuguese Interaction with Asia
Robert Samuel Newman,
Delfim Silva
978-989-26-2293-4
10.14195/978-989-26-2294-1



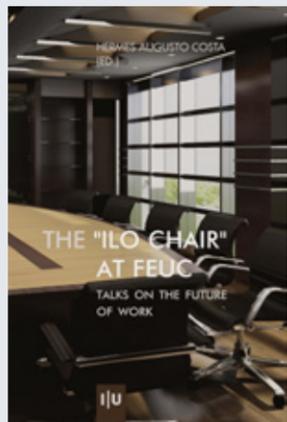
União Europeia como Ator Internacional: Paz e Segurança nas Narrativas e Práticas
Maria Raquel Freire, Daniela
Nascimento
978-989-26-2315-3
10.14195/978-989-26-2316-0



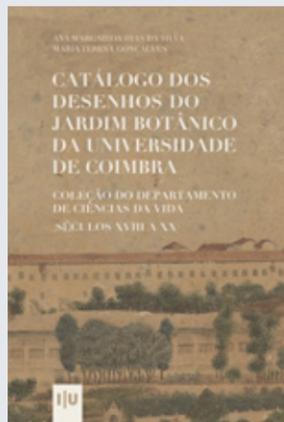
Há Vila além da Costa. Urbanidade(s) em Cabo Verde no Século XIX
Fernando Pires
978-989-26-2091-6
10.14195/978-989-26-2092-3



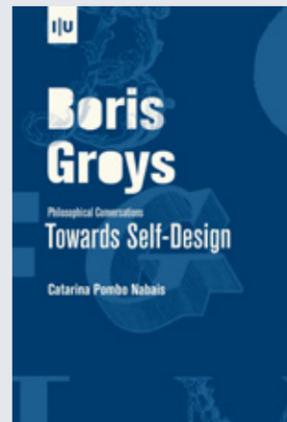
Dez Mitos sobre os Judeus
Maria Luíza Tucci Carneiro
978-989-26-2166-1
10.14195/978-989-26-2167-8



The "ILO-Chair" at FEUC: Talks on the Future of Work
Hermes Augusto Costa
978-989-26-2276-7
10.14195/978-989-26-2277-4



Catálogo dos Desenhos do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra: Coleção do Departamento de Ciências da Vida — Séculos XVIII a XX
Ana Margarida Dias da Silva,
Maria Teresa Silva Gonçalves
978-989-26-2272-9
10.14195/978-989-26-2273-6



Boris Groys Philosophical Conversations — Towards Self-Design
Catarina Pombo Nabais
978-989-26-2242-2
10.14195/978-989-26-2249-1



Avaliação Multicritério em Processos de Decisão
Luís Cândido Dias
978-989-26-2278-1
10.14195/978-989-26-2279-8



Manifesto a Crioulização
Mário Lúcio Sousa
978-989-26-2176-0
10.14195/978-989-26-2177-7



A Universidade de Coimbra e a Independência do Brasil: Catálogo da Exposição Documental e Bibliográfica
João Nuno Calvão da Silva
978-989-26-2274-3
10.14195/978-989-26-2275-0



[AI+] em Português: Manual de Português Língua Não Materna
Carla Ferreira, Conceição
Carapinha, Ana Paula
Loureiro, Cristina Martins,
Isabel Pereira, Sandra
Chapouto
978-989-26-2250-7
10.14195/978-989-26-2251-4

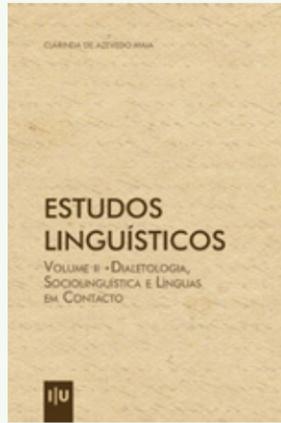


Bichos Vivos
Carlota Simões, Ana Paula
Guimarães
978-989-26-2280-4
10.14195/978-989-26-2281-1

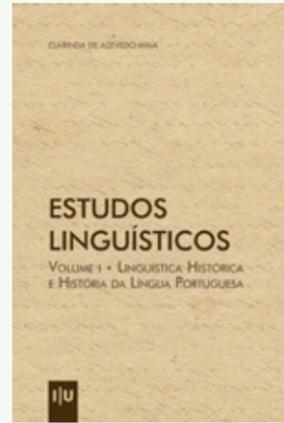
DESTAQUES



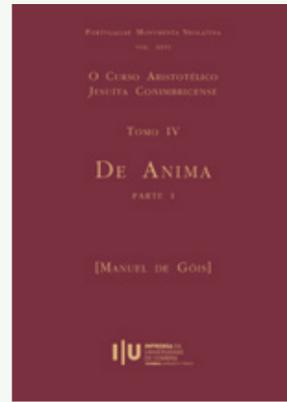
O Podcast e as Novas Dinâmicas dos Conteúdos Sonoros no Ambiente Digital
Sílvio Correia Santos,
João Miranda
978-989-26-2284-2
10.14195/978-989-26-2285-9



Estudos Linguísticos — Volume II: Dialetologia, Sociolinguística e Línguas em Contacto
Clarinda de Azevedo Maia
978-989-26-2008-4
10.14195/978-989-26-2009-1



Estudos Linguísticos — Volume I: Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa
Clarinda de Azevedo Maia
978-989-26-2131-9
10.14195/978-989-26-2132-6



Curso Jesuíta Conimbricense: Comentário ao De Anima de Aristóteles
Maria da Conceição Campos, Mário Santiago de Carvalho, Sebastião Tavares de Pinho
978-989-26-2216-3
10.14195/978-989-26-2217-0



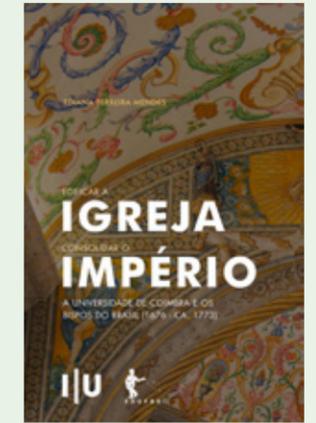
A Fé dos Juízes: Inquisidores e Processos por Heresia em Portugal (1536-1774)
Bruno Feitler
978-989-26-2159-3
10.14195/978-989-26-2160-9



A Oficina de Camões: Apontamentos sobre Os Lusíadas
José Augusto Cardoso
Bernardes
978-989-26-2247-7
10.14195/978-989-26-2248-4



A Razão Bem Temperada: Do Princípio do Gosto em Filosofia e outros Ensaios Kantianos
Leonel Ribeiro dos Santos
978-989-26-2192-0
10.14195/978-989-26-2193-7



Edificar a Igreja, Consolidar o Império: A Universidade de Coimbra e os Bispos do Brasil (1676 - ca. 1773)
Ediana Mendes
978-989-26-1933-0
10.14195/978-989-26-1934-7



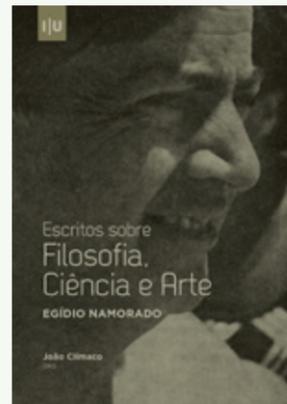
Desafios Curriculares no Séc. XXI
Anabela Fernandes, Cláudia Cravo, Fátima Velez de Castro
978-989-26-2240-8
10.14195/978-989-26-2241-5



Resistência Patriótica e Revolução Liberal 1808-1820
Ana Cristina Araújo
978-989-26-2186-9
10.14195/978-989-26-2187-6



Plutarco. Como Deve o Jovem Ouvir os Poetas?
Marta Isabel de Oliveira Várzeas
978-989-26-2236-1
10.14195/978-989-26-2237-8



Escritos sobre Filosofia, Ciência e Arte
Egídio Namorado
Egídio Namorado, João Clímaco
978-989-26-2194-4
10.14195/978-989-26-2195-1



Terrorismo: Legislação Comentada — Textos Doutrinários
José Manuel Aroso Linhares, Maria João Antunes
978-989-26-2180-7
10.14195/978-989-26-2181-4



Bullying. Impactos na Educação: O que Sabemos a Respeito da Sobredotação?
Fernanda Hellen Ribeiro Piske, Beatriz Oliveira Pereira, Kristina Henry Collins, Cloves Antonio de Amíssis Amorim
978-989-26-2085-5
10.14195/978-989-26-2086-2



1655 Escala em Coimbra: Um Jovem Jesuíta entre o Ocidente e o Oriente
Noël Golvers, Carlota Simões
978-989-26-2200-2
10.14195/978-989-26-2201-9

H O R I Z O N T E S S I N F Ó N I C O S

H O R I Z O N T E S S I N F Ó N I C O S

H R I
Z N T E

XXV
SEMANA
CULTURAL
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
1-15 MARÇO
2023

1 DE
MARÇO
2023
21H30

TEATRO
ACADÉMICO
DE GIL
VICENTE

CONCERTO DE ABERTURA



ORQUESTRA
ACADÉMICA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

Duração
60 minutos (sem intervalo)
Faixa etária
Para todos os públicos.
Ficha Artística
Maestro: André Granjo
Maestro Assistente: Leandro Alves

Preços
Normal - €8
Desconto - €5
Música OAU/Estudante UC - 4€

www.uc.pt/oauc



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

MECENAS
Santander
Universidades

AFÍLIOS



dg
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Música
no Museu

RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 57
MARÇO 2023

A *Rua Larga* está aberta ao trânsito das ideias que circulam na Universidade de Coimbra (UC) desde junho de 2003.

O nome foi tomado de empréstimo à via que atualmente assegura a ligação do Largo D. Dinis à emblemática Porta Férrea. Rua que, antes da construção da cidade universitária como hoje a conhecemos, era já uma das mais importantes da Alta. Hoje, a Rua Larga é uma ponte entre passado e futuro, feita de pedra e ar, desenhada por Gonçalo Byrne.

A *Rua Larga*, revista, é esse espaço ao mesmo tempo simbólico e efetivo por onde passa o que se vai passando na Universidade.

Assine a *Rua Larga* e permaneça em contacto com a UC.

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (3 números)*: 15€
Avulso (cada número): 7€ • Números Anteriores: 9€

Assinaturas em www.uc.pt/rualarga

Mais informação rualarga@uc.pt

Consultar números antigos www.uc.pt/rualarga

Os preços incluem IVA e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.



No ano de 2023, celebra-se a primeira década decorrida sobre a inscrição da Universidade de Coimbra: Alta e Sofia na lista de Património Mundial da Humanidade da UNESCO.

Ao eleger o Horizonte como tema da XXV Semana Cultural, sublinha-se a opção de colocar o diálogo entre Cultura, Arte, Ciência e Património no centro da criação estético-performativa. Conceito portador de múltiplos sentidos, o Horizonte tanto marca a definição de uma linha programática clara e a sua ponderação crítica, como transporta, em si mesmo, o ímpeto criador que alimenta o olhar pioneiro de quem sonha e desbrava novas linhas de atuação e novos Aléns. O Horizonte convoca, assim, a mundividência ampla de Jano bifronte — esse romano deus pagão de olhar largo e generoso, virado para diante e para trás, capaz de analisar em profundidade os caminhos já percorridos e de nutrir generosamente as sendas da imaginação inventiva que desenha o futuro.

WWW.UC.PT/SEMANACULTURAL

XXV SEMANA CULTURAL UNIVERSIDADE DE COIMBRA 2023

QUARTA-FEIRA | 1 MARÇO | 11:00
Museu Nacional Machado de Castro
Teatro da Cerca de São Bernardo
Jardim Botânico da Universidade de Coimbra

**Da nossa janela:
um horizonte a descobrir**

INSTALAÇÃO ARTÍSTICA
Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra

QUARTA-FEIRA | 1 MARÇO | 11:00
Nove locais num percurso entre a EB1 dos Olivais e o Paço das Escolas

Desfocar... o Futuro

ATIVIDADES PARA CRIANÇAS
Associação de Pais e Encarregados de Educação da EB1 dos Olivais

QUARTA-FEIRA | 1 MARÇO | 21:30
TAGV — Teatro Académico Gil Vicente

Concerto do Dia da Universidade de Coimbra — Horizontes Sinfónicos

CONCERTO
Orquestra Académica da Universidade de Coimbra

QUINTA-FEIRA | 2 MARÇO | 18:00
Casa do Cinema de Coimbra

Espaço e Memória como Horizontes do Cinema — Nascido Para Matar

CINEMA
Repete nos dias
10 março — 16:00;
20 março — 15:00;
24 março — 21:30.
Caminhos do Cinema Português
Associação de Artes Cinematográficas de Coimbra

QUINTA-FEIRA | 2 MARÇO | 19:00
Galeria A camponeza

**Ne videare bonus,
ne videare malus**

INSTALAÇÃO ARTÍSTICA
Associação Cultural Videolab

QUINTA-FEIRA | 2 MARÇO | 20:30
Atelier a Fábrica

Pés descalços

MULTILINGUAGENS: MÚSICA, ARTES VISUAIS E TEATRO
Plural Apotheosis

SEXTA-FEIRA | 3 MARÇO | 17:30
Colégio das Artes da Universidade de Coimbra

Plutão

EXPOSIÇÃO
Colégio das Artes da Universidade de Coimbra

SEXTA-FEIRA | 3 MARÇO | 21:30
TAGV — Teatro Académico Gil Vicente

Concerto de Aniversário da RUC — É até Arder!

CONCERTO
Rádio Universidade de Coimbra

SEXTA-FEIRA | 3 MARÇO | 21:30
Teatro-Estúdio do CITAC

Tangente, o sítio onde se nasce
PERFORMANCE
CITAC — Circulo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra

SÁBADO | 4 MARÇO | 10:30
Trajeto 1 — Largo do Poço — Rua Adelino Veiga

Trajeto 2 — Largo da Portagem — Praça 8 de Maio.

Uma linha entre dois pontos

PERFORMANCE
Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra

SÁBADO | 4 MARÇO | 21:30
Grémio Operário de Coimbra

Tapeçarias no Horizonte

ESPETÁCULO MULTIMÉDIA
Associação Cultural e Recreativa e Memória do Grémio Operário de Coimbra

DOMINGO | 5 MARÇO | 20:00
Atelier A Fábrica

Casa do Diabo

DANÇA
Associação Inclusão Contacto

SEGUNDA-FEIRA | 6 MARÇO | 17:00
Departamento de Arquitetura da FCTUC

No Horizonte

EXPOSIÇÃO
Coordenação de António Olayo e Pedro Pousada
Departamento de Arquitetura da FCTUC

TERÇA-FEIRA | 7 MARÇO | 18:00
Casa das Artes Bissaya Barreto

Onde o longe nada tinha

PERFORMANCE
Associação Cultural Apura

TERÇA-FEIRA | 7 MARÇO | 21:00
Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra

No Horizonte e Mais Além — Observação Lunar

ATIVIDADE DE OBSERVAÇÃO NOTURNA
Secção de Astronomia, Astrofísica e Astronáutica da Associação Académica de Coimbra

QUARTA-FEIRA | 8 MARÇO | 18:00
Claustros do Colégio da Graça

Sol-A-Sol

MÚSICA
Associação Cultural Museu da Música de Coimbra

QUINTA-FEIRA | 9 MARÇO | 09:00
Jardim de Infância dos SASUC

Mundo na Escola

ATIVIDADES PARA CRIANÇAS
Centro de Estudos Cinematográficos

QUINTA-FEIRA | 9 MARÇO | 14:30
Estátua de D. Dinis — Alta

No horizonte e Mais Além — Observação Solar

ATIVIDADE DINAMIZADA AO AR LIVRE
Secção de Astronomia, Astrofísica e Astronáutica da Associação Académica de Coimbra

QUINTA-FEIRA | 9 MARÇO | 18:00
Colégio das Artes

Concerto de Arquitetura

CONCERTO
Ciclos Velozes Associação

QUINTA-FEIRA | 9 MARÇO | 19:30
Rua da Sofia. Toda a zona da Alta, Antigas Salatinas — em espaços inusitados — itinerário de caravana

Caravana Salatina — Além do Firmamento

PERFORMANCE
Associação CATRAPUM

QUINTA-FEIRA | 9 MARÇO | 21:30
Atelier a Fábrica

Viveiro

EVENTO MULTIDISCIPLINAR
Lúcia-Lima Associação Cultural

QUINTA-FEIRA | 9 MARÇO | 21:30
TAGV — Teatro Académico Gil Vicente

A Encomendação

PERFORMANCE
GEFAC — Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra

SEXTA-FEIRA | 10 MARÇO | 21:00
TAGV — Teatro Académico Gil Vicente

Concerto de celebração do 35º aniversário da FAN-Farra — Uma Viagem pelo Som — a Voz, o Instrumento, a Junção

CONCERTO
FAN-Farra Académica de Coimbra

SÁBADO | 11 MARÇO | 14:00
Cafeteria do Museu da Ciência

Novos Horizontes da Gastronomia

GASTRONOMIA
Secção de Gastronomia da Associação Académica de Coimbra

SÁBADO | 11 MARÇO | 16:00
Casa-Museu Elysio de Moura
Colégio de Santo António da Pedreira

Voltar no Tempo

DANÇA/PERFORMANCE
Casa-Museu Elysio de Moura — Casa da Infância Doutor Elysio de Moura

SÁBADO | 11 MARÇO | 16:00
Auditório da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Teatralização do conto «Carta para Ofélia»

TEATRO
José Carlos Magalhães Pereira
c/ Conservatório de Música de Felgueiras

SÁBADO | 11 MARÇO | 21:30
Grande Auditório do Conservatório de Música de Coimbra

Entre o Mar e as Estrelas

MÚSICA
Coro Misto da Universidade de Coimbra

SEGUNDA-FEIRA | 13 MARÇO | 21:30
Teatro de Bolso do TEUC

Rei Ubu

TEATRO
TEUC

SEGUNDA-FEIRA | 13 MARÇO | 21:30
Jardim da Casa da Imprensa da Universidade de Coimbra

Ponto de Fuga

MÚSICA / DANÇA / VÍDEO
Motivos Alternativos - Associação Cultural

TERÇA-FEIRA | 14 MARÇO | 21:30
TAGV — Teatro Académico Gil Vicente

O Fado e a Canção de Coimbra no Horizonte do Jazz

MÚSICA
Tuna Académica da Universidade de Coimbra

QUARTA-FEIRA | 15 MARÇO | 17:30
Casa Museu Bissaya Barreto

Miscelânea Brasileira — Recital de Piano — Maria Helena Andrade

MÚSICA
Música no Museu

QUARTA-FEIRA | 15 MARÇO | 18:30
Espaço HAB, Rua Eduardo Coelho, 36, Baixa de Coimbra

Landscapes: Scapeland

INSTALAÇÃO ARTÍSTICA
Associação Há Baixa





250 anos

REFORMA POMBALINA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



250 anos

REFORMA POMBALINA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
JARDIM BOTÂNICO



250 anos

REFORMA POMBALINA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
IMPRENSA



250 anos

REFORMA POMBALINA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA



250 anos

REFORMA POMBALINA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
OBSERVATÓRIO GEOFÍSICO E ASTRONÓMICO



250 anos

REFORMA POMBALINA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
MUSEU DA CIÊNCIA